



— ESCOLA DE BELAS ARTES —
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**PINTURA E REIVINDICAÇÃO
DA SEXUALIDADE HOMOAFETIVA:
UMA ABORDAGEM VISUAL DO ERÓTICO**

POR
GABRIEL FERNANDES DE MELO

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

**Pintura e Reivindicação da Sexualidade Homoafetiva:
Uma Abordagem Visual do Erótico**

Gabriel Fernandes de Melo
DRE: 119187593

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em
Pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Orientadora: Profa. Me. Ana Clara Badia Guinle

Rio de Janeiro, 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES / ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

Pintura e Reivindicação da Sexualidade Homoafetiva: Uma Abordagem Visual do Erótico

Gabriel Fernandes de Melo

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema *Phanteon* da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau 10 em: 08/07/25 Local: EBA sala 705



Profa. Me. Ana Clara Badia Guinle – Orientadora (BAB/ EBA/ UFRJ)



Profa. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos (BAB/ EBA/ UFRJ)



Profa. Me. Ana Paula Lourenço da Silva (BAB/ EBA/ UFRJ)

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M528p Melo, Gabriel Fernandes de
 Pintura e Reivindicação da Sexualidade
Homoafetiva: Uma Abordagem Visual do Erótico /
Gabriel Fernandes de Melo. -- Rio de Janeiro, 2025.
82 f.

 Orientadora: Ana Clara Badia Guinle.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2025.

 1. pintura. 2. homoafetividade. 3. pornografia
gay. 4. desejo. 5. ressignificação. I. Badia Guinle,
Ana Clara , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a prática artística do autor no campo da pintura, articulada a partir de experiências de repressão afetiva e sexual sustentadas por discursos heteronormativos e homofóbicos presentes na igreja neopentecostal, em instituições educacionais e no ambiente familiar. Inserido nesses contextos, o autor cresceu associando o desejo homoafetivo à culpa, ao pecado e à inadequação, inibindo seu desejo.

Diante da escassez de referências homossexuais durante o desenvolvimento de sua sexualidade, o autor encontrou na pornografia gay uma das poucas formas de contato visual com o sexo gay. Apesar de fornecer contato com o universo homoafetivo, esse material está associado a dinâmicas baseadas em modelos heteronormativos de dominação, encenando corpos masculinos a partir da lógica viril, da agressividade e da mecanização do ato sexual. A repetição desses códigos visuais contribui para uma normatização restrita da experiência sexual, na qual afetos, variações corporais e práticas alternativas são excluídos. Ainda assim, exerceu um papel ambíguo, funcionando como primeiro acesso imagético à homoeroticidade, ao mesmo tempo que limitava outras formas de expressão do desejo homoafetivo.

A partir da seleção e apropriação de fotogramas desses vídeos e ao transportá-los para a pintura, o autor reconstrói cenas, se afastando da lógica predominante, centrada na penetração. As cenas priorizam práticas preliminares, como carícias, brincadeiras sexuais (*foreplay*), *gouinage/frottage* e pausas. A pesquisa se posiciona frente ao imaginário social que silencia e distorce o desejo homossexual e busca legitimar o desejo *queer* na cultura visual, promovendo uma visibilidade normalmente negada a experiências não heterossexuais.

Palavras-chave: Pintura; Homoafetividade; Pornografia gay; Desejo; Ressignificação.

ABSTRACT

This research investigates the author's artistic practice in the field of painting, articulated from experiences of affective and sexual repression sustained by heteronormative and homophobic discourses present in the neopentecostal church, educational institutions, and the family environment. Inserted in these contexts, the author grew up associating homoaffective desire with guilt, sin, and inadequacy, suppressing his own desire.

Given the scarcity of homosexual references during the development of his sexuality, the author found in gay pornography one of the few available forms of visual contact with gay sex. Although it provided some access to the homoaffective universe, this material is associated with dynamics based on heteronormative models of domination, staging male bodies according to the logic of virility, aggressiveness, and the mechanization of the sexual act. The repetition of these visual codes contributes to a restricted normalization of sexual experience, in which affection, bodily variations, and alternative practices are excluded. Still, it played an ambiguous role, serving as a first imagetic access to homoeroticism, while also limiting other forms of expressing homoaffective desire.

Through the selection and appropriation of frames from these videos and their transposition into painting, the author reconstructs scenes that depart from the dominant logic centered on penetration. The selected scenes prioritize preliminary practices such as caresses, sexual play (foreplay), gouinage/frottage, and pauses. The research positions itself against the social imaginary that silences and distorts homosexual desire, seeking to legitimize queer desire within visual culture and promote a visibility usually denied to non-heterosexual experiences.

Keywords: *Painting; Homoaffectivity; Gay pornography; Desire; Resignification.*



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
I. Desejo, Pornografia e Afeto na Construção da Imagem Homoafetiva	
1.1 - Gênese do Desejo: Repressão, Visibilidade e Releitura do Erótico.....	4
1.2 - Da Pornografia Gay aos Estereótipos da Masculinidade.....	11
1.3 - O Erótico: Sugestão e Afeto na Construção da Imagem.....	15
II. Processos e Análise da Pintura na Reivindicação do Desejo Homoafetivo	
2.1 - O Processo da Pintura na Reivindicação do Desejo Homoafetivo.....	18
2.2 - Processos Visuais: Da Seleção do fotograma à Construção da Imagem	20
2.3 - Traços de Afeto e Luta na Pintura: Dos Detalhes de Corpos aos Fotogramas.	23
2.4 - Análise das Obras por um viés da intimidade.....	30
2.5 - Reivindicando Minha Sexualidade.....	33
III. Pinturas Autorais, exposição coletiva e referências.....	35
APONTAMENTOS FINAIS: A IMAGEM COMO LUGAR DE AFIRMAÇÃO.....	56
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	59
Apêndice A: Referências Artísticas.....	60
Apêndice B: Corpo Memória e Identidade.....	68

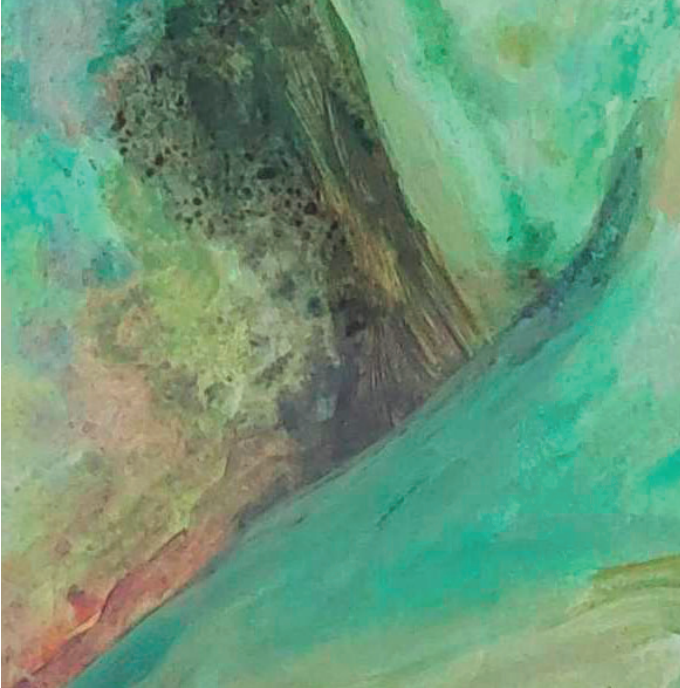


APRESENTAÇÃO

A pesquisa a seguir apresenta a interseção entre identidade, sexualidade e representação artística que se desenvolve a partir de uma abordagem visual do erótico, expandindo representações sobre o desejo e o pertencimento.

O primeiro capítulo apresenta relatos da uma infância marcada por discursos religiosos e sociais heteronormativos. Abordo como essa exposição, somada à ausência de referências homoafetivas positivas, me conduziu à pornografia gay como principal referencial para a homoeroticidade. A discussão problematiza o paradoxo estereotipado desse conteúdo e explora como essa dinâmica impacta negativamente relações homossexuais.

No segundo capítulo abordo o processo da pintura. Detalho a transformação de fotogramas da pornografia gay em um meio de aceitação e validação. O capítulo descreve os processos visuais envolvidos, da seleção dos fotogramas à construção da imagem, e apresenta uma análise das obras produzidas. Por fim, discuto como a pintura funciona como meio de reivindicação da sexualidade, contrastando com as limitações da pornografia e afirmando a complexidade das experiências homoafetivas.



No terceiro capítulo concluo retomando ao percurso da construção da identidade e a ressignificação de imagens homoafetivas que são inviabilizadas, discutindo o papel da pintura como processo ativo de construção identitária e projeções de futuras séries de pintura.

**I. Desejo,
Pornografia e Afeto
na Construção da
Imagem Homoafetiva**

1.1 - Gênese do Desejo: Repressão, Visibilidade e Releitura do Erótico

A representação de corpos homoafetivos erotizados na arte, para mim, vai além da mera exibição de sexo explícito voltado para o consumo, como se vê na pornografia gay convencional. Este tipo de conteúdo fornecido pela indústria pornográfica, exhibe performances heteronormativas que deturpam o ato sexual, objetificando corpos e padronizando o desejo. Dessa forma, esse tipo de conteúdo audiovisual, frequentemente serve como modelo normativo de como o sexo ‘deve’ acontecer. E, assim, automatiza o desejo subjetivo que atravessa a experiência sexual

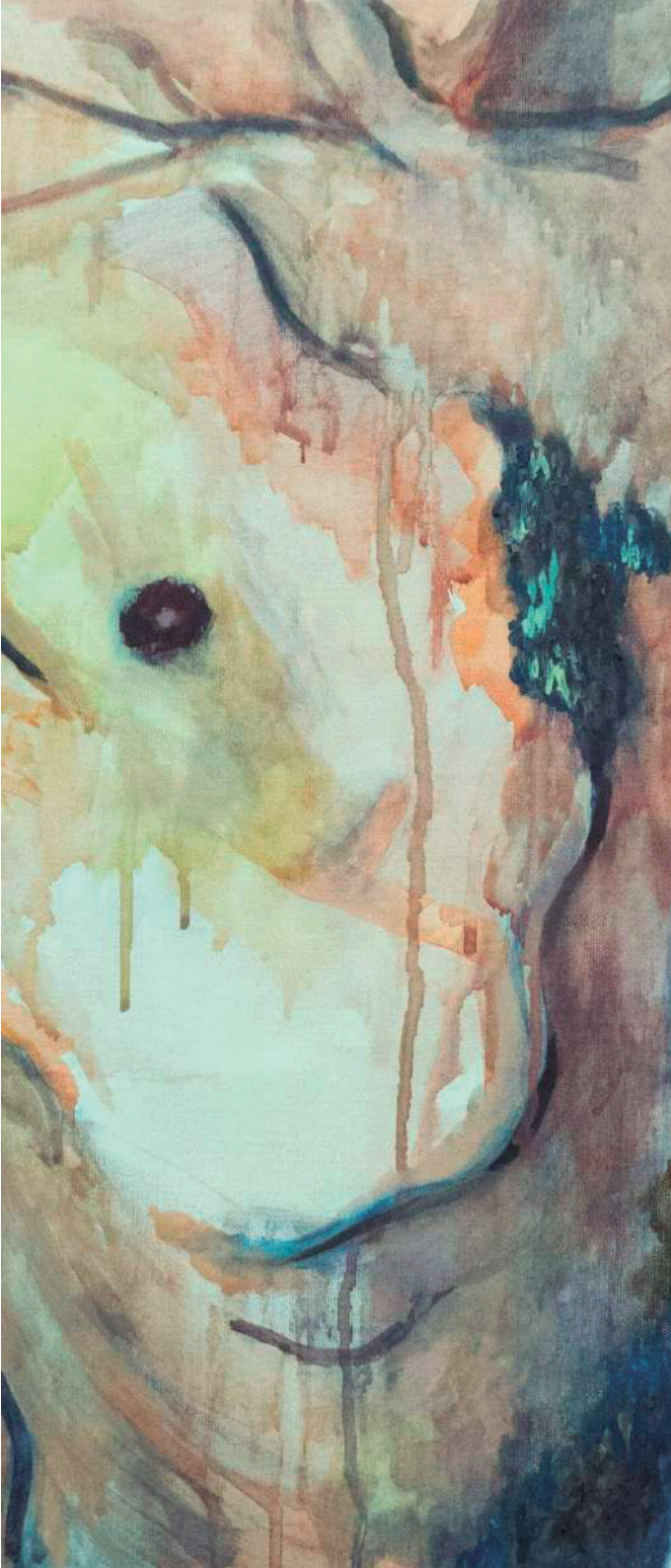
No entanto, minha relação com a pornografia é complexa: ao mesmo tempo em que a critico por sua objetificação e por ser, por vezes, um espaço de representação distorcida do desejo homossexual, reconheço que ela pode ser uma fonte de referências. É precisamente por meio de fotogramas de vídeos pornográficos disponíveis em plataformas como Xvideos e Xnxx, que reúno uma vasta biblioteca de vídeos das décadas passadas às atuais, que revisito esse universo e o transponho para a pintura ressignificando a pornografia.

uma de corpos masculinos e
sido usando nos meus
pesquisa. Geralmente apareço
em uma de situações que
com. Pode ser um espelho
há toda afeição atual, no ge
tro, corrente de uma oulaga
a tem por competitividade,
uncover o desabandado
de para algo mais. Insegura
sada de caragem. Colocar
ne disso fazer é um ato
espero de mim um pas
po a pils fazer que que
do, como um estar me ap
visto, que manuseio mais
lan de. Uma urgência em
o maliza. Insegurança de si
tam palavras, direção e uma
locar do fama que quero.
adi além do medo? um
ocação, Joãozinho o vilão
feito. Se vultuaram com q
ulso todas essas barreiras
logo o momento de um
o fazer que um ponto,
a posição contrária, p se
último. Qualquer uma.

Durante a seleção dos vídeos, procuro momentos específicos: cenas onde os atores estão se despindo antes de transarem, o pós-goço e as preliminares/*foreplay*. Penso que nesses flagrantes de intimidade que escapam à lógica do consumo rápido que encontro algo que me atrai: um referencial de nuances do sexo que vão além da pressa e da ênfase na penetração. Ao deslocar a pornografia gay de seu contexto industrial frequentemente exploratório, e do estigma de vergonha e clandestinidade que a permeia, proponho, por meio da pintura, uma releitura do desejo homoerótico. Enfatizando momentos de intimidade, busco reivindicar sua legitimidade, investigando a potência de imagens que possam abrir para uma conexão do desejo homossexual para além do ato sexual em si.

Nesse processo, minha prática artística dialoga com a perspectiva de Eduardo Kac. Assim como ele propõe que a arte pode subverter a pornografia – transformando o que é socialmente marginalizado e elevando o que é socialmente considerado “abjeto” a uma plataforma criativa capaz de inventar novas realidades (Kac, 2014, p. 38) –, busco aplicar essa mesma lógica em minha produção pictórica. Nesse sentido, a pintura torna-se meio de reivindicar a liberdade do desejo homossexual, o qual a sociedade historicamente controla, criminaliza e patologiza.

Em minhas pinturas, momentos íntimos são narrados mediante encontros sexuais, onde gestos afetivos fazem surgir o desejo homoerótico. Exponho carência e



vulnerabilidade através da minha produção, afirmando dinâmicas de relações homossexuais.

As experiências feridas pela homofobia aparecem como um catalisador para interrogar sistemas morais que moldaram minha vivência. Este questionamento se torna ainda mais presente no atual contexto histórico e político brasileiro, marcado pela visível ascensão de igrejas pentecostais. Segundo dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010), "os pentecostais representavam 60% dos evangélicos no Brasil, refletindo sua expressiva participação no cenário religioso nacional", o que impacta diretamente a formação e manutenção de tais normas e sistemas morais.

Foi nesse caldeirão, marcado pela imposição de valores neopentecostais e pela criminalização da homossexualidade, que cresci. Fui exposto constantemente às pregações homofóbicas na igreja, as quais prometiam a condenação eterna àqueles que, como eu, não se enquadram aos valores pregados. Tal experiência refletia um projeto político de invalidamento, sustentado por um Brasil pentecostal que, como aponta Alexandre dos Santos (2020), vem consolidando uma nova hegemonia religiosa sobre o país.

Minha vivência a partir dos 10 anos de idade foi marcada por um domingo na escolinha dominical. Ali, eram difundidos os ensinamentos bíblicos para as crianças, e, ocasionalmente, o pastor da congregação, que lecionava para os adultos, aparecia nas aulas para abordar algum assunto 'importante' carregado de sensacionalismo. Um dos



temas que passou a ser recorrente foi a homossexualidade, que, segundo ele, ameaçava o futuro das crianças do nosso país. Em uma dessas aparições, ele questionou cada uma das crianças se tinham alguma amizade do mesmo sexo com quem mantinham proximidade excessiva, como ficar coladas e trocarem gestos de afeto demasiadamente. Esse questionamento visava alertar que tais comportamentos eram o início de uma tentação do Diabo para desvirtuá-las, sugerindo que a troca de afeto com amigos do mesmo sexo resultava na homossexualidade. Essa doutrinação criava a sensação de que até as interações mais simples seriam julgadas.

Percebi que, além de difundir essas falácias para outras crianças, o pastor queria mudar diretamente seu neto, que também participava das aulas e era perceptivelmente uma criança afeminada. O neto era, de certa forma, um reflexo direto de seu fracasso como avô, que, mesmo sendo pastor, não conseguia expulsar tentações do Diabo na própria casa. Enquanto os adultos da igreja aprendiam a oprimir a sexualidade dos filhos, nós éramos doutrinados. Paralelamente a essas aulas dominicais, dentro de casa começaram a surgir questionamentos sobre meu jeito, bastando uma mão caída ou uma perna cruzada para uma correção de postura.

No ensino fundamental, não era diferente, a maioria das crianças reproduziam comentários homofóbicos que aprenderam com os adultos. Nesse cenário, os efeitos da hostilidade verbal se tornavam evidentes. Didier Éribon (2001, p.63) argumenta que a homossexualidade é marcada pela presença onipresente da injúria, real ou potencial.



Para o autor, essa hostilidade não é casual, mas sintoma de um "mundo de injúrias" que desvaloriza essas identidades, forçando o indivíduo a viver sob a constante ameaça da inferiorização e, conseqüentemente, moldando sua personalidade e sua relação com o mundo.

Eu me tornei uma criança homofóbica como forma de me reassegurar, retribuindo piadas e bullying que eram usados contra mim, direcionando-os a outras crianças nas quais eu percebia qualquer traço de delicadeza, uma voz mais suave ou um interesse diferente dos 'brutais' jogos masculinos. Era uma tentativa desesperada de me encaixar, de provar que eu não era 'aquilo' que a igreja condenava, projetando em outros o medo e a vergonha que eu sentia de mim mesmo.

Em meio a essa negação constante, e por conta do meu jeito já tão vigiado, o ambiente escolar se tornou outro cenário crucial. Durante o ensino fundamental, a escola se tornou um palco onde minha identidade homossexual começava a se desenhar. Foi lá que conheci um colega que, mais do que qualquer outra criança, exibiu um jeito marcadamente afeminado. Nele, encontrei um espelho e um porto seguro, um reflexo da minha própria identidade que eu ainda relutava em aceitar.

Essa conexão, porém, não passou despercebida. Nossos gestos, interações e existência, se tornaram o centro das atenções, com comentários vindo de professores, alunos e, por fim, da diretoria.



A sexualidade, em vez de ser abordada com a seriedade e o respeito que merecia, era frequentemente tratada como motivo de escárnio e algo a ser suprimido. A escola, com sua atmosfera de bom comportamento e disciplina, parecia mais interessada em podar o que consideravam algo fora do padrão heteronormativo. O ápice dessa repressão veio quando fomos chamados à sala da diretoria. Era menos um convite ao diálogo e mais uma tentativa velada de anular o que eles encaravam como traços homossexuais. A preocupação expressa era um disfarce para a tentativa de nos moldar a uma norma heterossexual. Argumentavam que nosso ‘jeito gay’ poderia nos expor a represálias e violência, tanto na rua quanto na própria escola. Contudo, a grande contradição era que, ao tentar nos ‘proteger’, eles estavam praticando exatamente a mesma coerção da qual fingiam se preocupar. Junqueira (2013) evidencia que a escola atua como um espaço primordial para a reprodução da heteronormatividade, sistema que impõe a heterossexualidade e regula as expressões de gênero. “[...] seus dispositivos atuam capilarmente em processos heteronormalizadores de vigilância, controle, classificação, correção, ajustamento e marginalização com os quais todos(as) somos permanentemente levados(as) a nos confrontar” (JUNQUEIRA, 2013, p.484).

Aquele sermão na diretoria, um espaço já opressor, deixou uma mensagem clara: nosso jeito não era bem-vindo. Essa experiência nos marcou, ensinando que nossa identidade gay deveria ser escondida, tornando-nos alvos.



Foi só na minha pré-adolescência que comecei a ter acesso frequente à internet, o que me deixou exposto a outras perspectivas e conhecimentos esclarecedores. Conheci amigos na internet que, assim como eu, também escondiam sua sexualidade. Compartilhávamos nossas questões e, aos poucos, pude começar a libertar minha identidade. Durante meu ensino médio, já se observava um aumento significativo de adolescentes que se aceitavam e expressavam sua sexualidade com confiança. Apesar de ter começado a me assumir como homonsexual para meus amigos por volta dessa época, eu ainda não me aceitava por completo, havia questões internas que precisavam ser trabalhadas e que me acompanharam até o início da vida adulta.

Crescer em um ambiente onde precisei esconder quem eu realmente era trouxe uma carga enorme de insegurança e culpa em relação à minha sexualidade. Essa necessidade de camuflagem fez com que minhas primeiras experiências, tanto sexuais quanto afetivas, acontecessem muito mais tarde do que o ‘esperado’, ou, do que eu mesmo gostaria. Essa falta de vivência afetiva na adolescência, esse ‘atraso’, dificultou bastante o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis. Eu me sentia inseguro, tinha dificuldade em expressar sentimentos e em me entregar plenamente. A construção da identidade gay passa muito pela troca com o outro, mas, por muito tempo, a homofobia que carreguei me impedia de desenvolver conexões autênticas, por culpa e pelo medo que se tornaram uma enorme barreira.

1.2 - Da Pornografia Gay aos Estereótipos da Masculinidade

A pornografia sempre foi vista como um espaço de liberdade sexual, mas, na realidade, ela segue padrões e normas que limitam essa liberdade. No caso da pornografia gay, muitas produções ainda reproduzem ideias heteronormativas, impondo papéis fixos, como o do ativo e o passivo, dependendo de suas características físicas. Ao atuar esses papéis fixos, a pornografia gay perpetua um modelo binário de gênero, mesmo em seu contexto homossexual. No entanto, Judith Butler aponta que a subversão da identidade reside precisamente na possibilidade de uma variação dessa repetição para afirmar novas possibilidades de gênero que contestem os códigos rígidos dos “binarismos hierárquico” (BUTLER, 2003, p. 212).

Além disso, os corpos representados seguem um padrão idealizado, assim como o sexo, deixando de lado a diversidade real das vivências do desejo homoafetivo. Isso cria uma visão limitada da sexualidade, onde apenas certas formas de expressão são aceitas. Como observa Junqueira (2013, p. 487), esse modelo “elimina uma gama variada de possibilidades de masculinidades”, restringindo as expressões individuais e perpetuando a heteronormatividade. No entanto, na realidade, as relações homossexuais vêm rompendo esses estereótipos, e muitos indivíduos LGBTQIA+



carregam consigo uma identidade que não se encaixa nesses padrões rígidos, criando novas formas de conexão afetiva e sexual.

Lembro que, na adolescência, a pornografia era praticamente o único espaço onde eu via alguma representação homoafetiva. Mas, ao mesmo tempo, ela me passava uma ideia limitada sobre o desejo, sem espaço para afeto genuíno ou diversidade, algo que, devido à repressão e às normas tradicionais não encontrava em outros meios. No entanto, essa exposição inicial veio carregada de estereótipos, muitas vezes limitando minha compreensão do desejo a um contexto puramente físico, distante de qualquer dimensão afetiva. Como um dos poucos espaços onde a homossexualidade era visível, a pornografia acabou se tornando uma referência inevitável, mas também problemática, pois reforçava padrões estéticos e comportamentais heteronormativos. Essa experiência com a pornografia, marcada pela ausência de afeto e pela imposição de estereótipos, influenciou diretamente minha carência afetiva.

A exploração inicial da figura masculina na minha pintura veio a ser influenciada pelo meu conflito sexual e afetivo, que carreguei desde a infância até o início da minha vida adulta para me aceitar como gay. A ausência de representações positivas da homossexualidade durante o desenvolvimento da minha sexualidade distorceu minha autoimagem e meus desejos. E foi essa carência que me levou a buscar experiências que compensassem o tempo perdido, tendo uma visão irreal do que significava ser um homem gay e se relacionar. Essa busca por um modelo sexual gay me fez explorar a



pornografia e nela encontrei estereótipos e expectativas que limitavam a variedade das relações homoafetivas.

A pornografia, especificamente, contribuiu para me fazer acreditar que encontros casuais sempre terminariam em sexo, em vez de estabelecer uma conexão emocional primeiro, e reforçou a crença equivocada de que todo homem gay só busca sexo. Essa idealização me frustrava, me pressionava a ter relações sexuais caracterizadas pelo imediatismo, o que me levava a deixar de explorar dinâmicas de relacionamento que exigiam tempo, paciência e vulnerabilidade. Acredito que essa dificuldade em lidar com a complexidade das relações está ligada à falta de modelos de intimidade, ausência que perdurou da adolescência até o início da minha vida adulta.

Com o tempo, essa visão mudou. Hoje, vejo que existem formas de ser e sentir mais diversas e autênticas, que rompem com esses padrões limitadores. Minha investigação artística caminha nesse sentido, na abertura e ressignificação de imagens que antes eram vistas apenas como objeto de consumo e transformá-las em algo que dialogue com o afeto e a naturalização da homoafetividade. Através da pintura, crio novas narrativas que mostram a homoafetividade de um jeito mais próximo da realidade, sem a necessidade de se encaixar em padrões impostos socialmente, tratando a pornografia de maneira mais genuína e trazendo narrativas que valorizam a individualidade. Ainda que a pornografia gay tenha representado, no passado, um dos poucos espaços de visibilidade erótica com imagens erotizadas positivas para

identidades não-heteronormativas (MISKOLCI, 2015), é importante reconhecer que a crescente presença de pessoas LGBTQIA+ na mídia e na sociedade não significa a superação completa das desigualdades e estereótipos. Miskolci discute como um "regime de visibilidade" regula quais formas de expressão da sexualidade são consideradas aceitáveis, e a pornografia pode, por vezes, reproduzir algumas dessas limitações. Nesse sentido, minha própria experiência e a busca que move esta pesquisa apontam para a necessidade de representações que superem as limitações e os estereótipos comuns nesse meio. Acredito que a arte, especialmente a pintura, pode oferecer narrativas homoafetivas mais complexas, sensíveis e contrárias à lógica de representações imagéticas puramente sexualizadas.

1.3 - O Erótico: Sugestão e Afeto na Construção da Imagem



A distinção entre o erótico e o pornográfico pode ser compreendida a partir do grau de sugestão ou explicitação do ato sexual. Enquanto o pornográfico tende a enfatizar a nudez e as partes íntimas em uma representação, o erótico opera no campo da sugestão, da tensão e da imaginação. Em minhas pinturas, procuro explorar o erotismo através de gestos que antecedem o ato sexual, como, por exemplo, a ação de despir-se, os olhares e o toque. Assim, a carga erótica das imagens resulta menos da exposição explícita e mais da capacidade de provocar sensações e interpretações subjetivas.

O papel da sugestão no erotismo atua como um instigador de sensações e memórias visuais, permitindo que o espectador identifique elementos familiares e dê continuidade à cena de acordo com suas próprias experiências e fantasias.

A moralidade conservadora tentou reduzir a homoafetividade a um desejo proibido, fazendo com que o homoerotismo permanecesse oculto por muito tempo, restrito quase exclusivamente à pornografia como única forma de representação. A repetição de símbolos e imagens eróticas pode ajudar a naturalizar e validar a

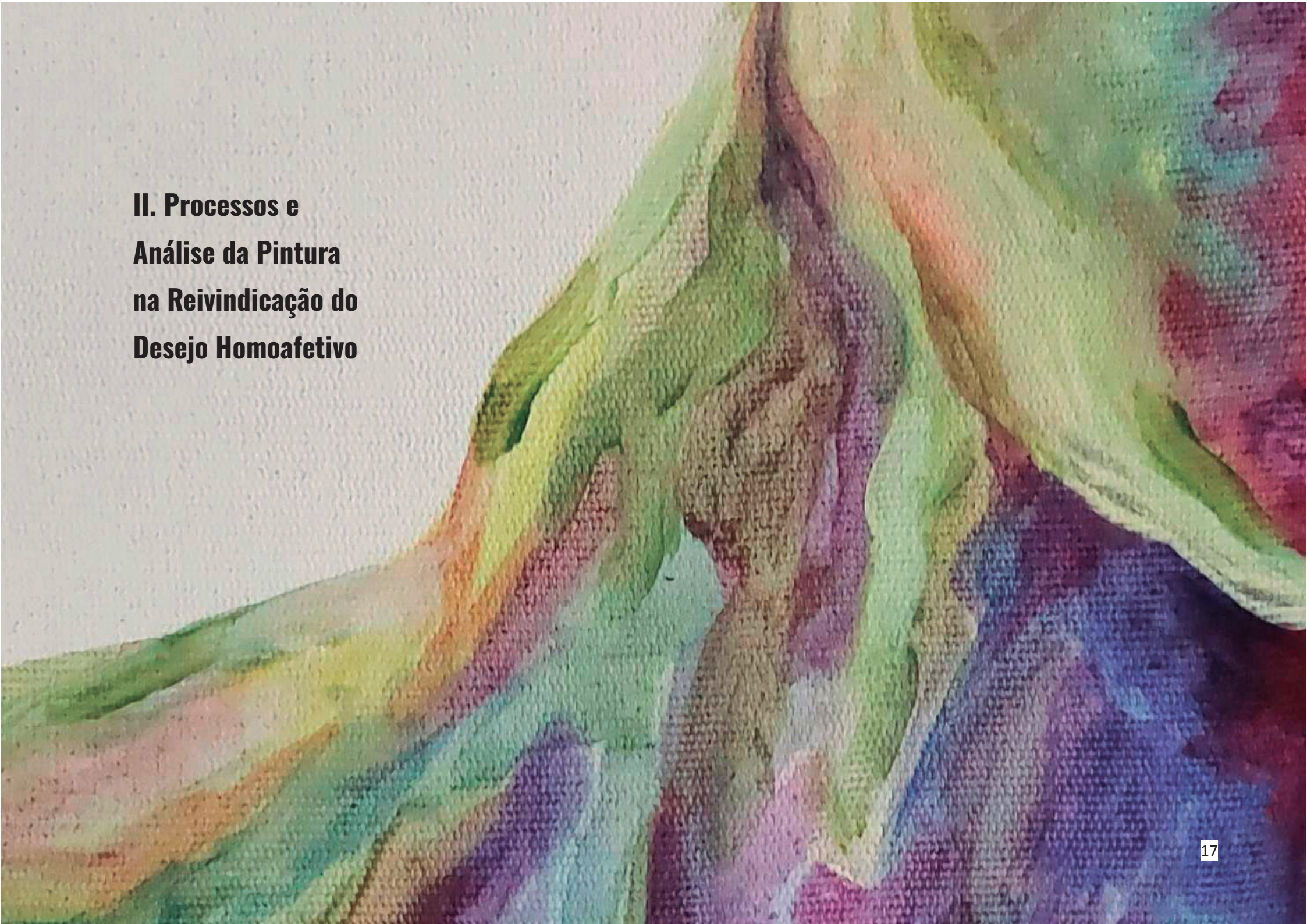


homoafetividade na arte quando essas imagens passam a existir em igualdade com imagens heterossexualizadas, mostrando que sua existência é tão válida quanto.

Quando uma imagem homoerótica aparece ocasionalmente, ela pode ser percebida como algo 'exótico'. Porém, quando há repetição desse tema, seja na pintura ou em outras mídias, o impacto do ineditismo se dissolve, fazendo com que a homoafetividade possa se integrar naturalmente à paisagem artística, rompendo com séculos de domínio da iconografia heteronormativa no erotismo e na representação do afeto.

Penso o erotismo nas minhas obras para além de narrativas do desejo, pois nelas, acrescento uma dimensão afetiva. Busco representar o afeto por um viés de acolhimento e aceitação. Uma aceitação que recai, tanto sobre mim mesmo, quanto sobre o outro.

.



II. Processos e Análise da Pintura na Reivindicação do Desejo Homoafetivo

2.1 - O Processo da Pintura na Reivindicação do Desejo Homoafetivo

A pintura, para mim, se tornou um jeito de lidar com imagens que me afetaram de maneira distorcida, muitas delas vindas da pornografia gay, consumida às escondidas, sob o peso de um desejo reprimido. Por muito tempo, vi essas imagens como sujas e erradas, embora as desejasse intrinsecamente. Mas hoje, quando pinto, é como se eu pudesse olhá-las de novo, de outro lugar, em uma perspectiva onde me aceito como um homem gay.

Esse processo se dá, principalmente, pela repetição. Ao revisitar essas imagens e pintá-las repetidamente, busco uma forma de aceitação e validação. A repetição me permite internalizar e afirmar minha identidade gay, transformando a carga negativa associada a essas imagens simplesmente em um desejo válido. A repetição também me possibilita reorganizar o passado ao ressignificar a lógica pornográfica gay, enxergando-as com afeto e afirmação. Transformar imagens "impróprias" em pintura me permite assumir o controle sobre uma negação anterior e expressar desejos e afetos homossexuais.



1MG4B

MARLA MARLA MARLA

2025

2.2 - Processos Visuais: Da Seleção do Fotograma à Construção da Imagem

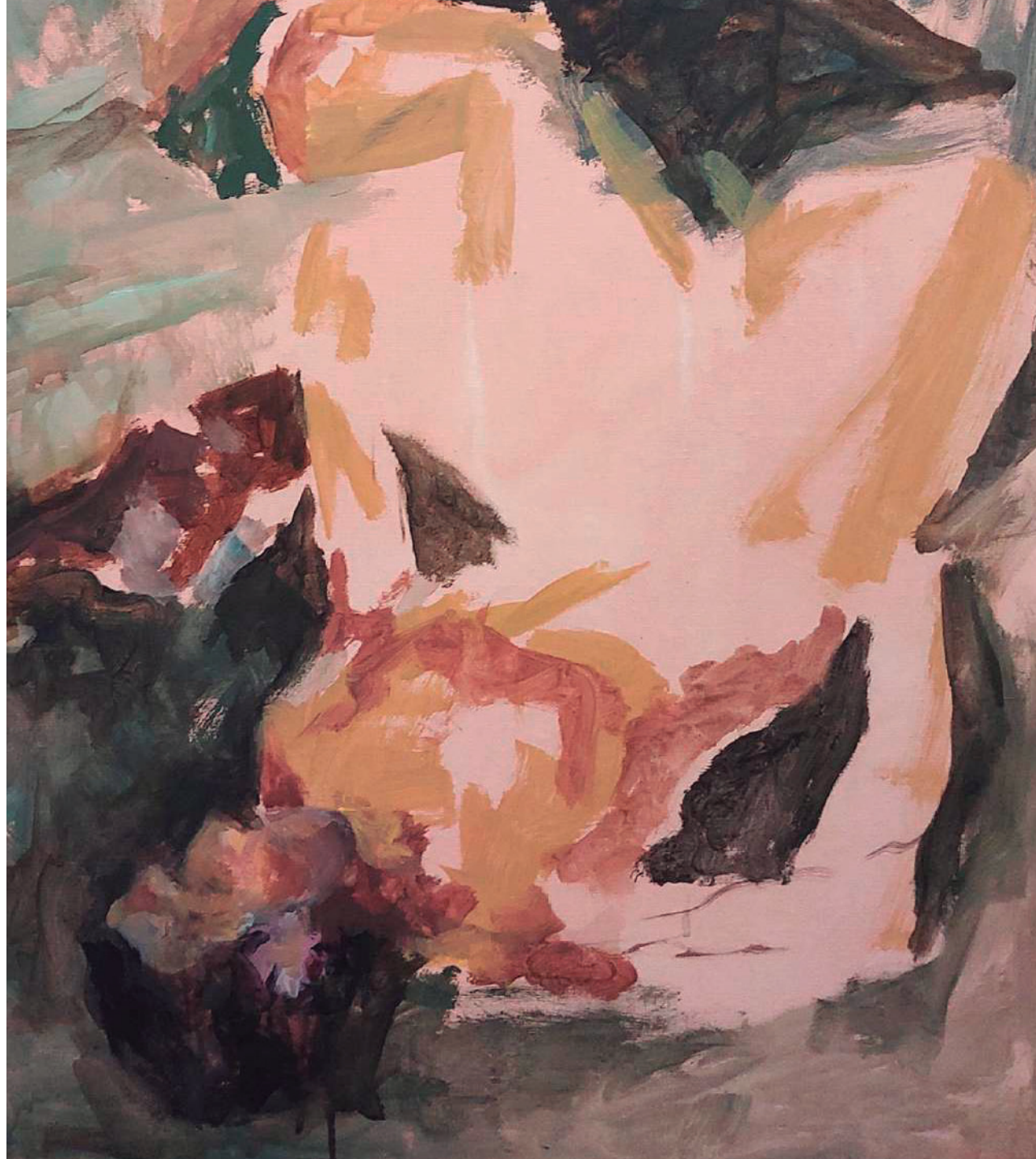
A escolha dos fotogramas que utilizo como referências para criar minhas pinturas, é realizada através de uma atenção às cenas dinâmicas, nas quais ficam evidentes a ação e expressividade dos corpos. Essa busca se estende além de cenas afetivas ou íntimas, uma vez que tais nuances podem ser extraídas de contextos mais explícitos. Os recortes de proximidade que costumo selecionar, não se restringem às expressões convencionais de afeto, mas derivam de interações que envolvem contato entre corpos em um embate excitativo. Há uma preferência por capturar cenas onde as ações corporais sejam evidentes, possibilitando a reconstrução mental da sequência. Os momentos de pausa e descanso pós-sexo também fazem parte dessa curadoria. Dentre essas escolhas, também dou atenção aos indícios de intimidade, vulnerabilidade ou características semelhantes. Portanto, opto por quadros fílmicos onde acredito que exista certo impacto visual. Ao capturar um fotograma de uma cena específica, seu contexto original é desconsiderado, e isolando a imagem do vídeo, tenho o propósito de enfatizar a singularidade daquele instante.

Com os fotogramas selecionados, os utilizo como referências visuais para extrair manchas, ensaiando pinceladas que sugerem formas e ações baseadas nesses fotogramas. Por vezes recorto a cena, mudando a perspectiva e destacando um

detalhe, ou mantenho seu o formato original, isso dependendo do que quero expressar. No entanto, geralmente minhas composições assumem formato horizontal, respeitando o enquadramento cinematográfico. A escolha das cores tem seu peso na narrativa visual, com tons dessaturados tenciono despertar atmosferas nostálgicas, melancólicas, refletindo sobre a transitoriedade das relações entre corpos gays. Além disso, na construção dessa atmosfera, reflito sobre a deterioração dos corpos submetidos ao desgaste do afeto, configurando a pintura como uma forma de preservar memórias, tendo como recurso narrativo aprofundar a discussão sobre a temporalidade. Nesse ponto o conceito de impuro refere-se àquilo que foi de alguma forma corrompido, como algo abjeto marcado por um pecado, a exemplo da identidade homossexual e da identificação com a pornografia em sua impureza. No contexto da pornografia, o impuro pode ser compreendido como os estereótipos, a objetificação. O processo de purificação ocorre por meio da consagração dessas cenas. A noção de impuro relaciona-se com a percepção social da pornografia e da sexualidade homoafetiva.



Sem título
pintura em processo
2025



2.3 - Traços de Afeto e Luta na Pintura: Dos Detalhes de Corpos aos *Fotogramas*

O desenvolvimento da minha poética na pintura acompanhou um amadurecimento simultâneo da minha identidade sexual e artística. Percebi que esses dois processos estavam intrinsecamente ligados, a prática da pintura me deu cada vez mais confiança em me expressar, se firmando como um processo de cura interna que dialogava com minhas vivências.

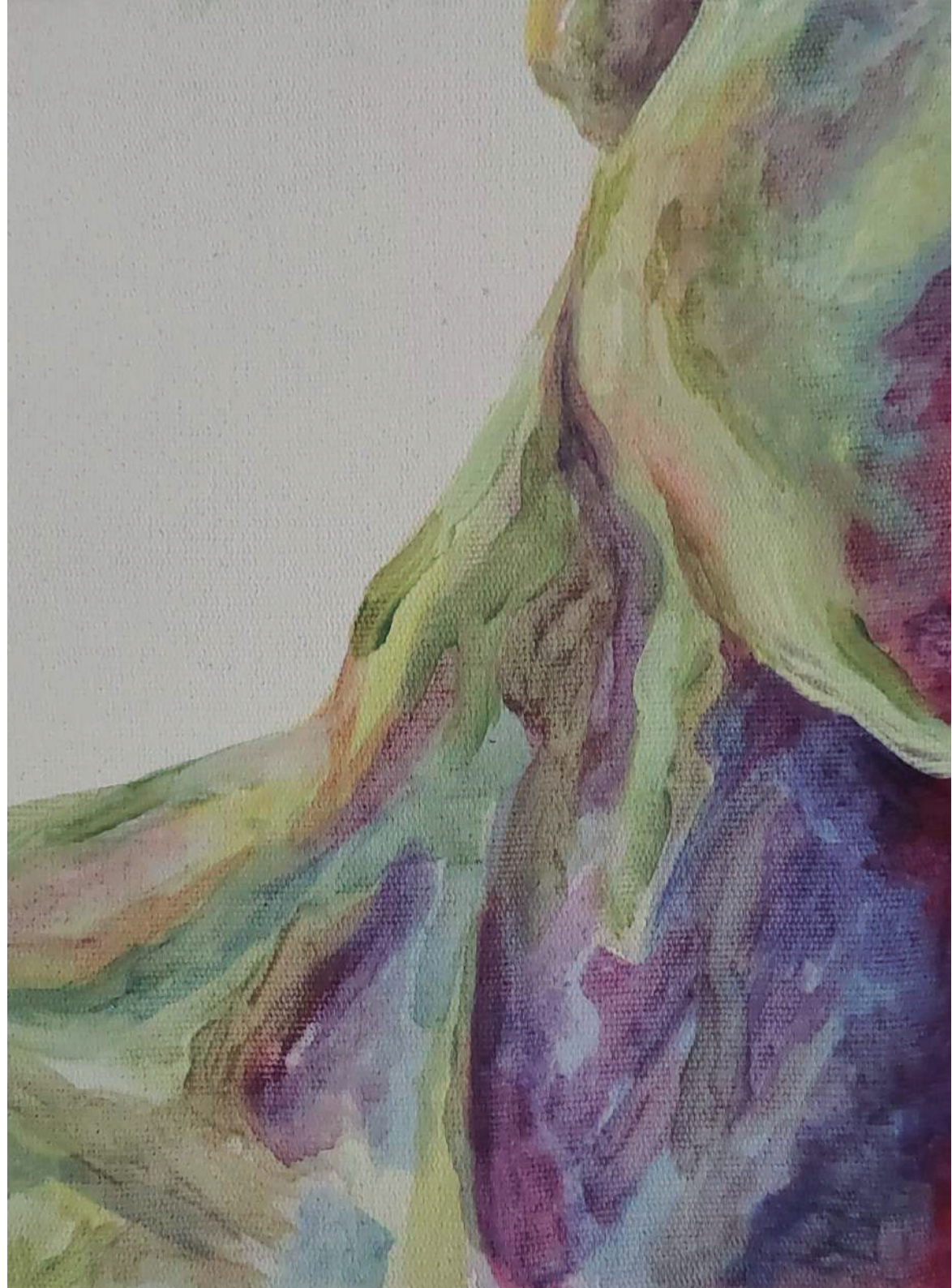
Inicialmente, minha investigação visual se concentrou em recortes de corpos masculinos, a ideia da ‘falta’ permeou minha pesquisa, associando esses recortes a vestígios de encontros sexuais. Contudo, minha poética evoluiu gradualmente para cenas mais amplas, onde as figuras aparecem de forma quase completa.

Antes de chegar nas cenas de pornografia, o corpo masculino era o tema, mas de um jeito diferente: ele aparecia em recortes. As pinturas não mostravam cenas completas ou corpos se tocando abertamente, eram mais silhuetas e torsos sem rosto. Esses recortes, para mim, retratavam a incompletude que eu sentia pela falta de relações amorosas, onde eu me submetia a afetos pela metade. Me envolvia em paixões permeadas por apego emocional e pela necessidade de ocupar espaços em relações que não me pertenciam. A vontade de pintar esses fragmentos era um jeito de lidar com sentimentos platônicos.

Essas pinturas serviram como uma estratégia de libertação emocional. Elas foram importantes para eu me tornar objeto do meu próprio desejo, explorando o fundo da minha vontade de ser desejado. Essa fase da incompletude foi o que me preparou para, depois, me aprofundar nas composições inspiradas em vídeos pornográficos gays e buscar pelo corpo inteiro ao invés dos pedaços.

Esse contraste entre minha produção inicial que visava focar mais nos detalhes de corpos, e a série de pinturas que utilizo os fotogramas fílmicos, pode ser claramente percebido. Para essa visualização, optei por organizar as pinturas dos ‘detalhes de corpos’ no presente capítulo (2.3), a seguir, e as pinturas produzidas a partir de fotogramas pornô nos subcapítulos: 2.4 e 3.2.

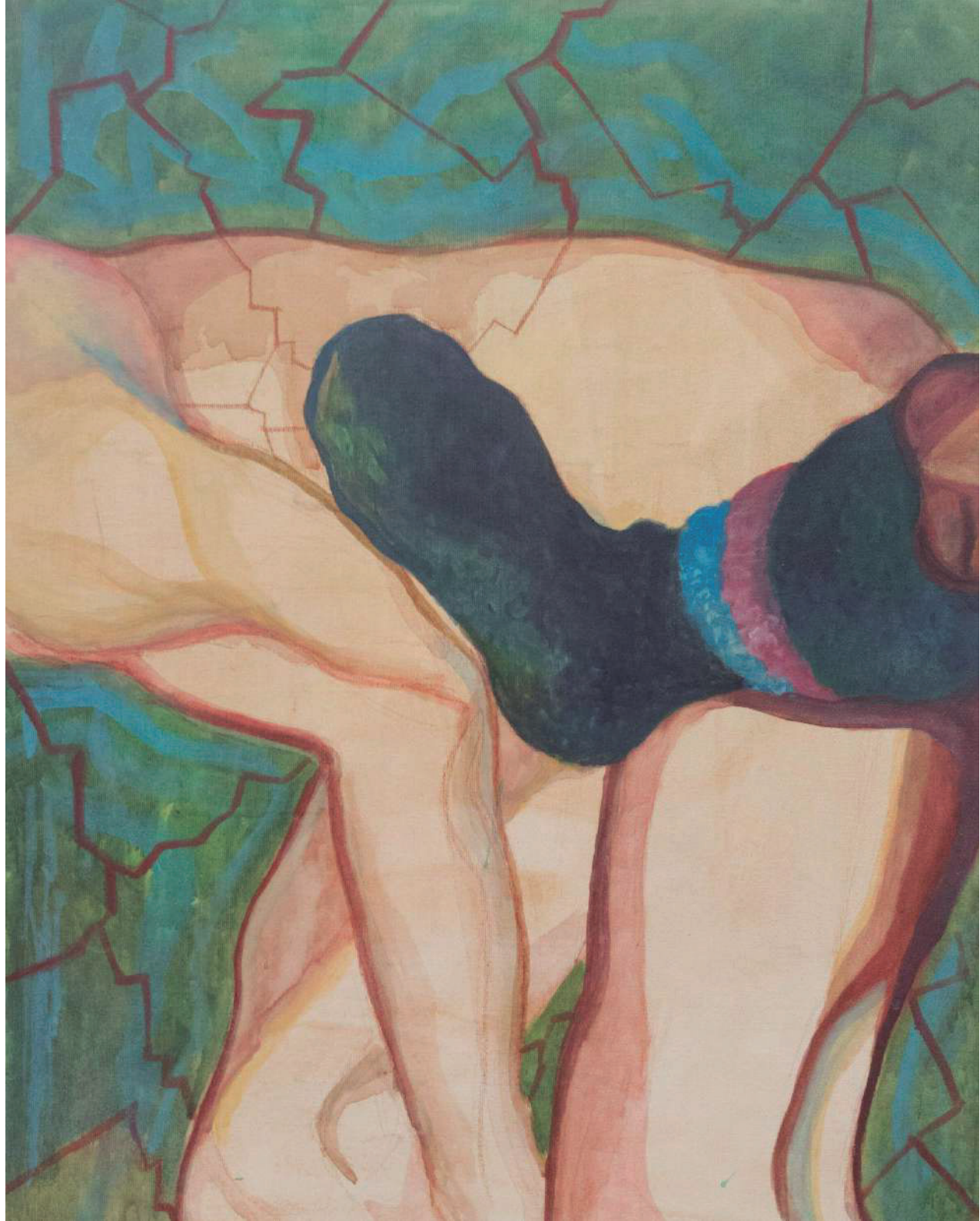
Sem título
Acrílica sobre tela
15x20
2024



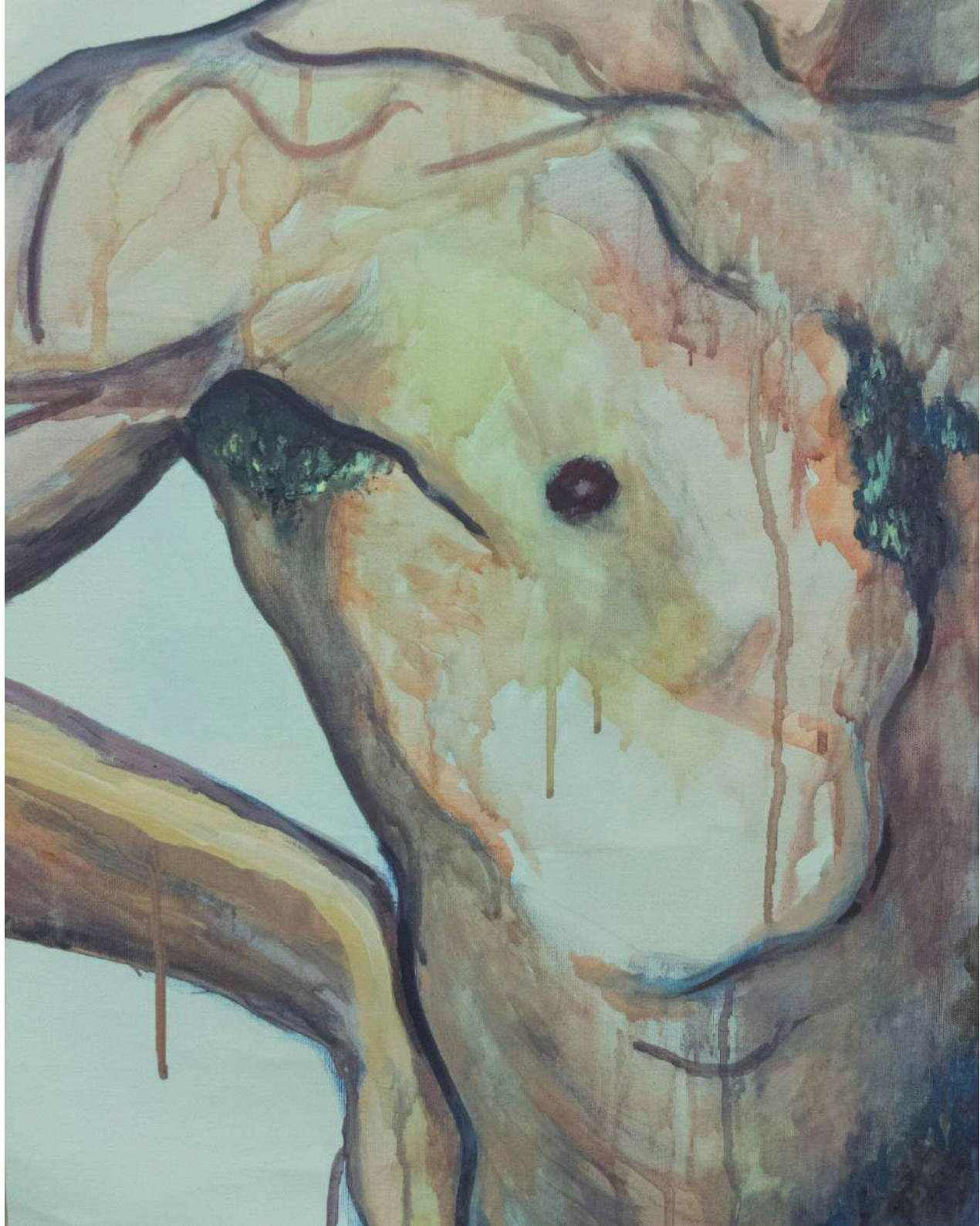


Sem título
Acrílica sobre tela
24x30
2024

Cachorro batido
acrílica sobre lona de algodão
41 X 56,5 cm



Torso
Acrílica sobre tecido de algodão
35 x 28 cm



Foi nesse percurso que encontrei na série *Sex Parts and Torsos* (1977) de Andy Warhol, um achado fundamental para a investigação. A apresentação das Polaroides com recortes de corpos, alguns explicitamente sexuais, me fascinou. Ali encontrei uma fonte para iniciar a construção do meu próprio universo visual.

Andy Warhol, lá por 1977, criou duas séries de trabalhos bem diferentes sobre o corpo e a sexualidade. A primeira, chamada *Torsos*, mostra partes íntimas de homens e mulheres, menos explícitas. A ideia era que essas obras pudessem ser expostas em museus e galerias, sendo mais aceitáveis para o público geral da época. Já a série *Sex Parts* era bem mais direta, focando principalmente em corpos masculinos com genitália explícita e cenas de sexo abertas (oral e anal). Essas últimas eram vistas como algo ‘mais particular’ e, nunca foram mostradas em público enquanto Warhol estava vivo. Isso aconteceu porque as galerias tinham ‘medo de expor’ essas imagens, especialmente considerando que, naquele tempo, ser gay e exibir certas imagens podia levar à prisão, portanto houve censura por parte dos museus.

Mesmo com toda essa explicitude, em seus diários, Warhol chamava *Sex Parts* de ‘paisagens’. Era uma forma de disfarçar para evitar problemas com a censura, ele transformava o que poderia ser visto só como sexo em formas e texturas para serem exploradas visualmente. Essa jogada ajudava a legitimar o tema, tirando a conotação puramente pornográfica.

2.4 - Análise das Obras por um viés da intimidade

A escolha da pornografia gay como ponto de partida para a minha pintura reside na sua capacidade de explicitar desejos e corporalidades dissidentes que ressoam com a minha experiência e a de outros indivíduos LGBTQIA+, atribuindo visibilidade ao afeto homossexual.

Dando seguimento a essa exploração e influenciado pelas referências supracitadas, as pinturas que compartilho e analiso, tanto nesse ponto (2.4), quanto as que exponho no terceiro capítulo, concretizam minha investigação visual sobre a sexualidade, o afeto e a identidade LGBTQIA+.



Articulação Réptil¹ é a minha primeira pintura a explorar de forma mais aprofundada a dinâmica das relações homoafetivas através de uma cena descritiva da pornografia gay. A natureza do desejo sexual pode ser interpretada como um movimento de aproximação e afastamento, assim como uma caça. Nessa dinâmica, a sexualidade se manifesta como uma busca por conexão entre indivíduos.

Sinto que a intimidade compartilhada por corpos, mesmo que em encontros casuais, estabelece para mim um espaço confidencial. Nele, cada subjetividade no

¹ Articulação réptil - imagem à esquerda da página - pintura exposta em maior dimensão e com as especificações técnicas na página 47 deste trabalho.

corpo aparece, sendo entregue à minha percepção do outro, e eu me permito ser contemplado como uma figura de desejo. Nesse encontro, me torno mais consciente da minha própria existência e identidade através desse espelhamento, percebendo-me como parte de uma dinâmica que encontra na singularidade do outro um espaço de reconhecimento.

A escolha desse fotograma de um filme pornô, flagrando a intimidade de dois corpos se despindo para um banho antes do sexo começar, me chamou a atenção justamente por isso: um espaço onde os corpos, ainda sem as coreografias do sexo, se entregam a uma vulnerabilidade. Ao contrário do pornô tradicional, mostrar os corpos se percebendo antes do sexo tira aquela pressa de ir direto ao ponto e coloca no lugar a troca de afeto, a cumplicidade entre eles.

Em contraste com a lentidão contemplativa de Articulação Réptil, a pintura **Ginga**² traz ação com a interação física. Os corpos, por meio de gestos que oscilam entre aproximação e afastamento, medem o desejo em uma que luta não tem a intenção de ferir, mas estabelecer um jogo de forças no qual ambos os corpos compartilham um poder de dominação e entrega. Essa dinâmica intensifica o desejo entre os personagens, e a luta vira também um jeito de mostrar afeto. Assim como na capoeira, cujo movimento fundamental é a ginga, a pintura que leva esse nome explora um jogo físico baseado na troca de movimentos. Em diversas culturas, desde



² Ginga - imagem à esquerda da página - pintura exposta em maior dimensão e com as especificações técnicas na página 39 deste trabalho.

crianças até adultos, usam esses jogos de luta como uma forma de conexão, um medidor de forças, muitas vezes desprovido de intenção agressiva.

A busca por conexão física e emocional e a forma como o corpo tenta suprir a carência afetiva se aprofundam nas pinturas **Incursão**³ e **Enrosco**⁴ que exploram a dinâmica do sexo como uma resposta à carência e ao desejo. Em Enrosco, corpos se unem em uma espécie de simbiose, resultando em um formato criaturesco encontrado na união. Enquanto Incursão apresenta uma figura jogando seu próprio peso contra o outro, deixando-o parcialmente imóvel, numa dinâmica que nasce da carência e da urgência de preencher ausências emocionais através do contato físico. Essa ausência é capaz de transformar o desejo em algo quase compulsivo, numa tentativa do corpo de compensar a ausência de afeto genuíno e prolongar uma conexão que, no entanto, pode ser sintoma de um vazio, incapaz de ser preenchido apenas pelo contato.



³ Incursão - imagem à esquerda da página (em cima)- pintura exposta em maior dimensão e com as especificações técnicas na página 37 deste trabalho.

⁴ Enrosco - imagem à esquerda da página (a baixo)- pintura exposta em maior dimensão e com as especificações técnicas na página 41 deste trabalho.

2.5 - Reivindicando Minha Sexualidade

Aqui, analiso como a pintura funciona como um meio de reivindicar minha sexualidade. Em contraste com as representações comuns na pornografia, a pintura me permite controlar a narrativa visual, criando representações mais complexas e pessoais das relações homoafetivas. Além disso, a repetição de certas imagens e temas se torna uma estratégia importante para naturalizar e validar a homoafetividade na arte, como forma de contrabalancear a histórica hegemonia das representações heteronormativas.

A pornografia, apesar de oferecer visibilidade à sexualidades dissidentes, frequentemente a representa de forma limitada, com ênfase excessiva no ato sexual descontextualizado e em estereótipos. Em oposição, minhas pinturas, embora frequentemente inspiradas em momentos de *foreplay* ou no próprio ato sexual retirados da pornografia gay, utilizam uma linguagem que prioriza a afetividade e a individualidade através da ressignificação dessas imagens. A diferença reside na minha abordagem artística, que adiciona camadas de contexto emocional, narrativas pessoais e reflexões políticas a essas cenas, resgatando a humanidade e a complexidade das experiências LGBTQIA+ para além da objetificação.

Meu **primeiro autorretrato**⁵ é baseado em um momento íntimo da minha vivência, no qual experimentei o afeto, pertencimento e acolhimento. Embora meu rosto não esteja explicitamente revelado, minha identidade ainda é perceptível por meio de elementos como o cabelo, as roupas e, principalmente, o espaço em que me insiro: o segundo andar do prédio de Letras da UFRJ, sendo um dos vários espaços da UFRJ que foram marcantes na minha trajetória e de muitos outros estudantes LGBTQIA+ que puderam expressar sua sexualidade nos corredores da faculdade. Embora mais seguro em comparação à rua, não está imune aos resquícios da LGBTfobia. As tensões ainda se manifestam por meio do medo constante da violência e da discriminação pela permanência da cultura heteronormativa, mesmo em contextos considerados acolhedores.

A representação do contato físico nessa obra segue além da lógica do desejo sexual em si. Ela aponta para a busca por formas de afeto mais complexas e significativas como a possibilidade de romance em um contexto LGBTQIA+ em que carinho, respeito e amor são frequentemente negados. Trata-se de um desejo por relações que superem a superficialidade do encontro sexual desprovido de conexão, afirmando que também podemos ser amados.



⁵ Primeiro autorretrato - imagem à esquerda da página - pintura intitulada **Decompostos**, exposta em maior dimensão e com as especificações técnicas na página 44 deste trabalho.

An abstract painting featuring a rich palette of colors including deep blues, vibrant oranges, soft pinks, and earthy greens. The composition is dominated by thick, expressive brushstrokes that create a sense of movement and texture. The colors are layered and blended in some areas, while other areas show more distinct, bold strokes. The overall effect is one of dynamic energy and emotional intensity.

III. PINTURAS AUTORAIS



Inversos, acrílica e tinta óleo sobre tela de madeira 70x55cm
2025



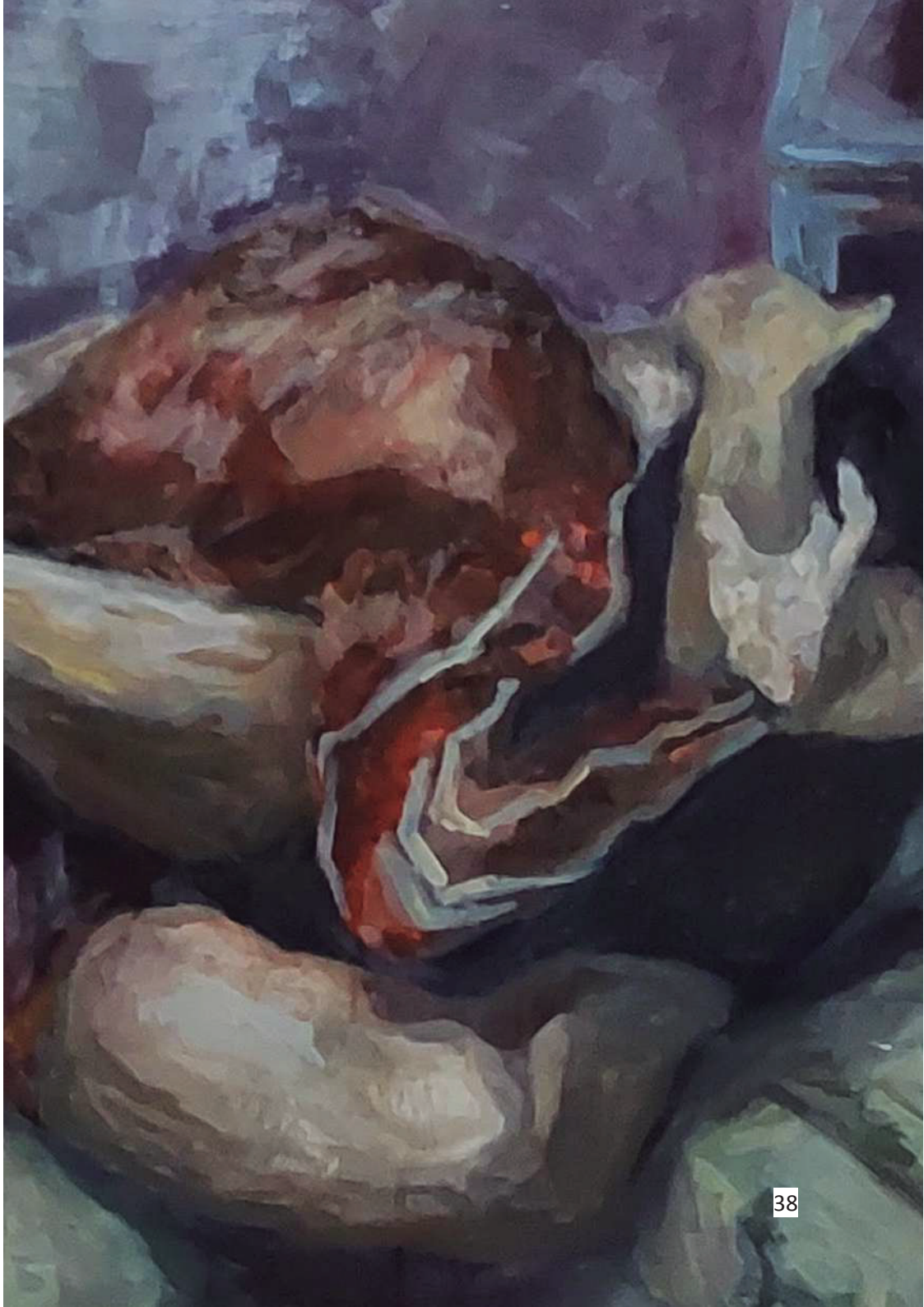


Incursão, acrílica sobre papel craft A0
2024





Caracol, acrílica e óleo sobre tecido de algodão 60 x 75
2024



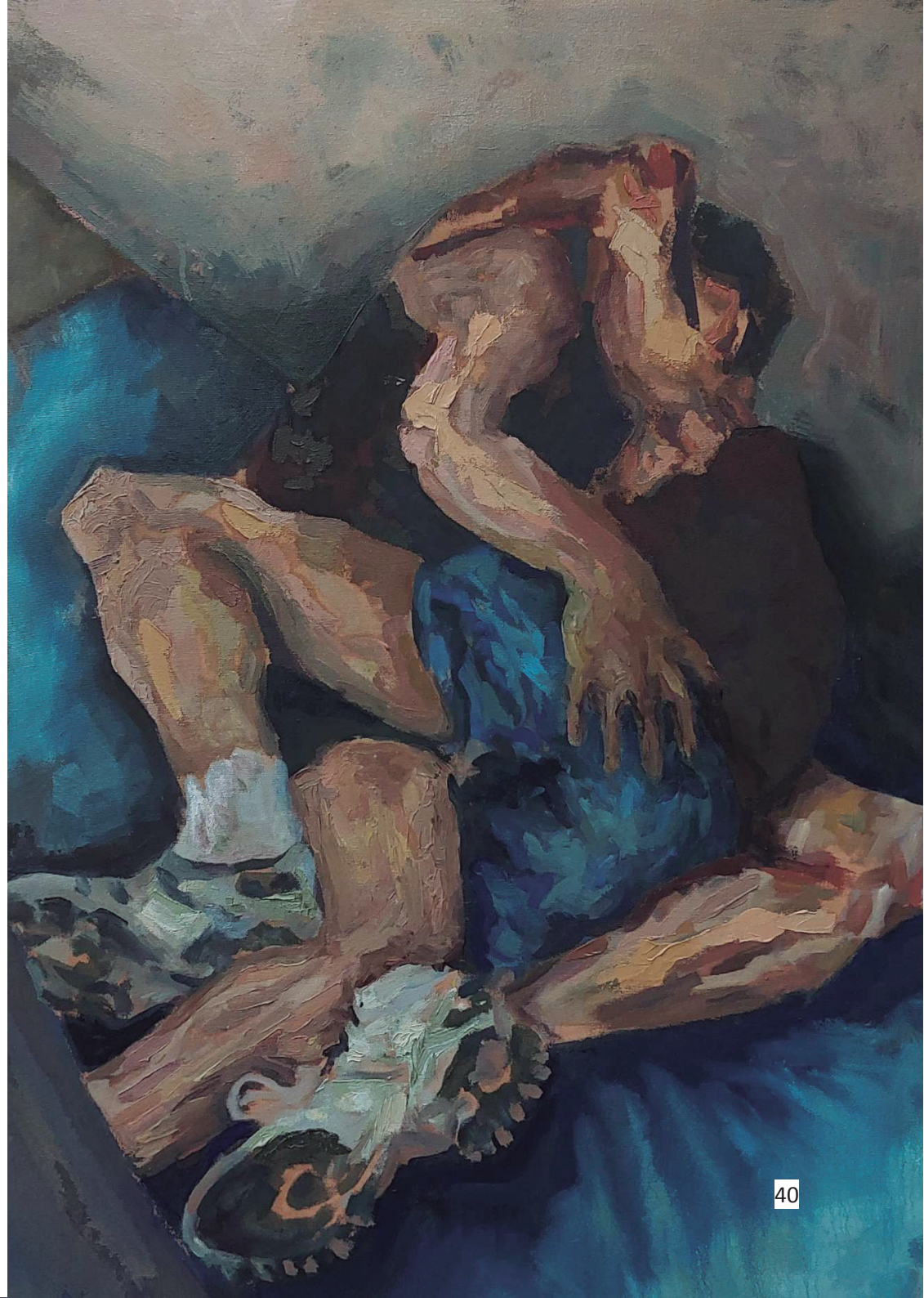


Ginga, acrílica sobre papel craft A0
2024



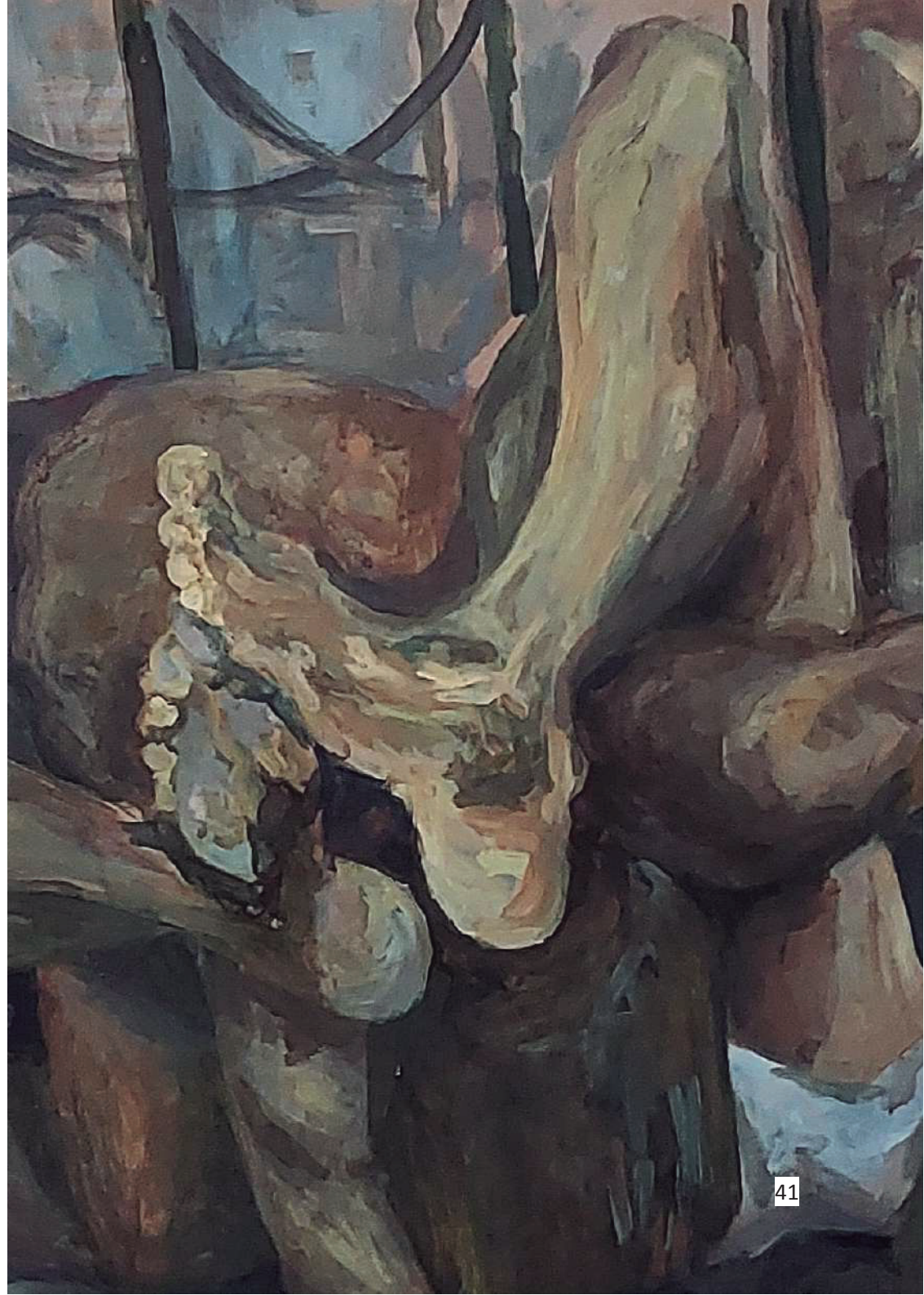


Corrimão, Acrílica sobre tecido de algodão 105x62cm
2025



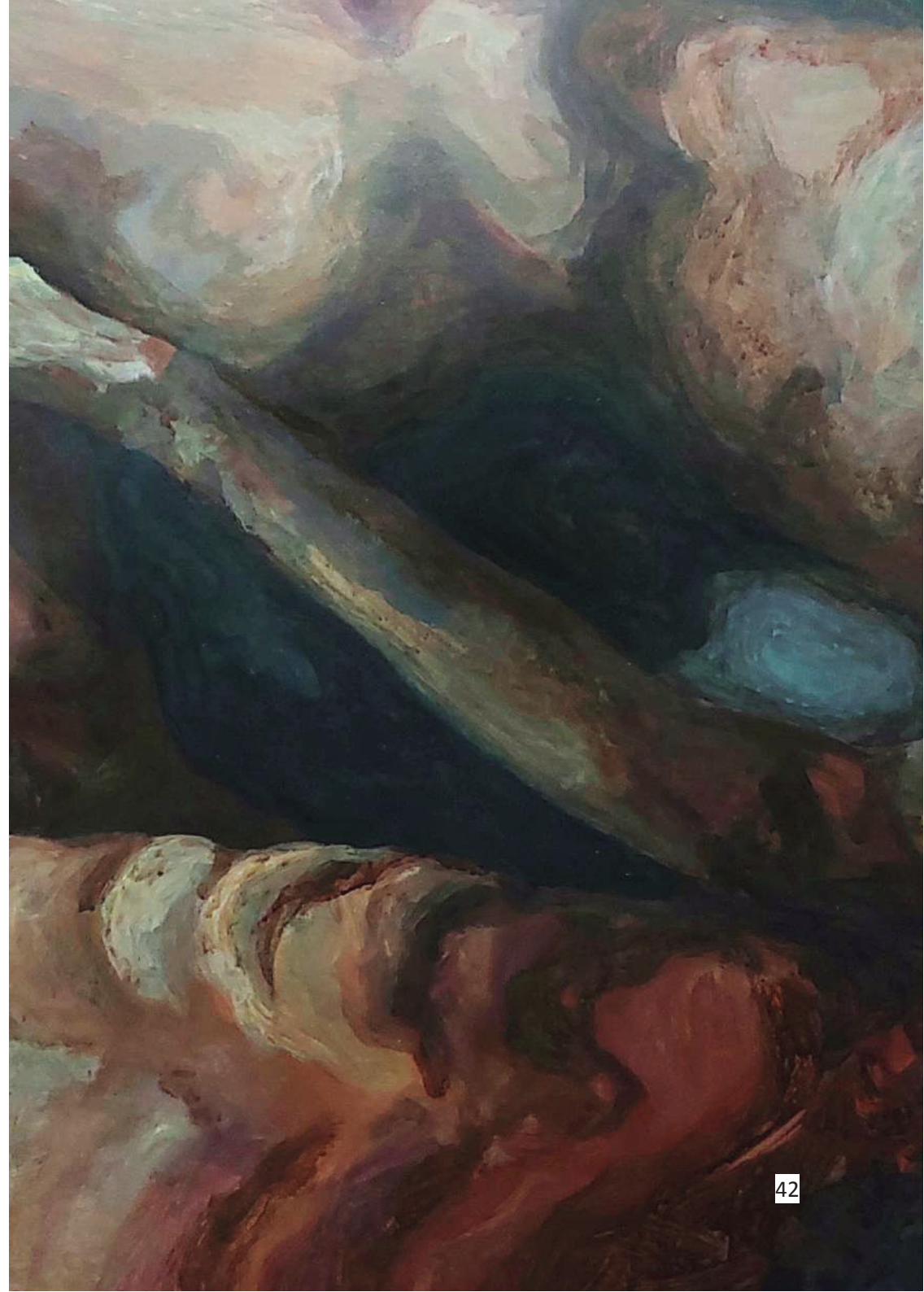


Enrosco , Acrílica sobre papel craft A0
2024



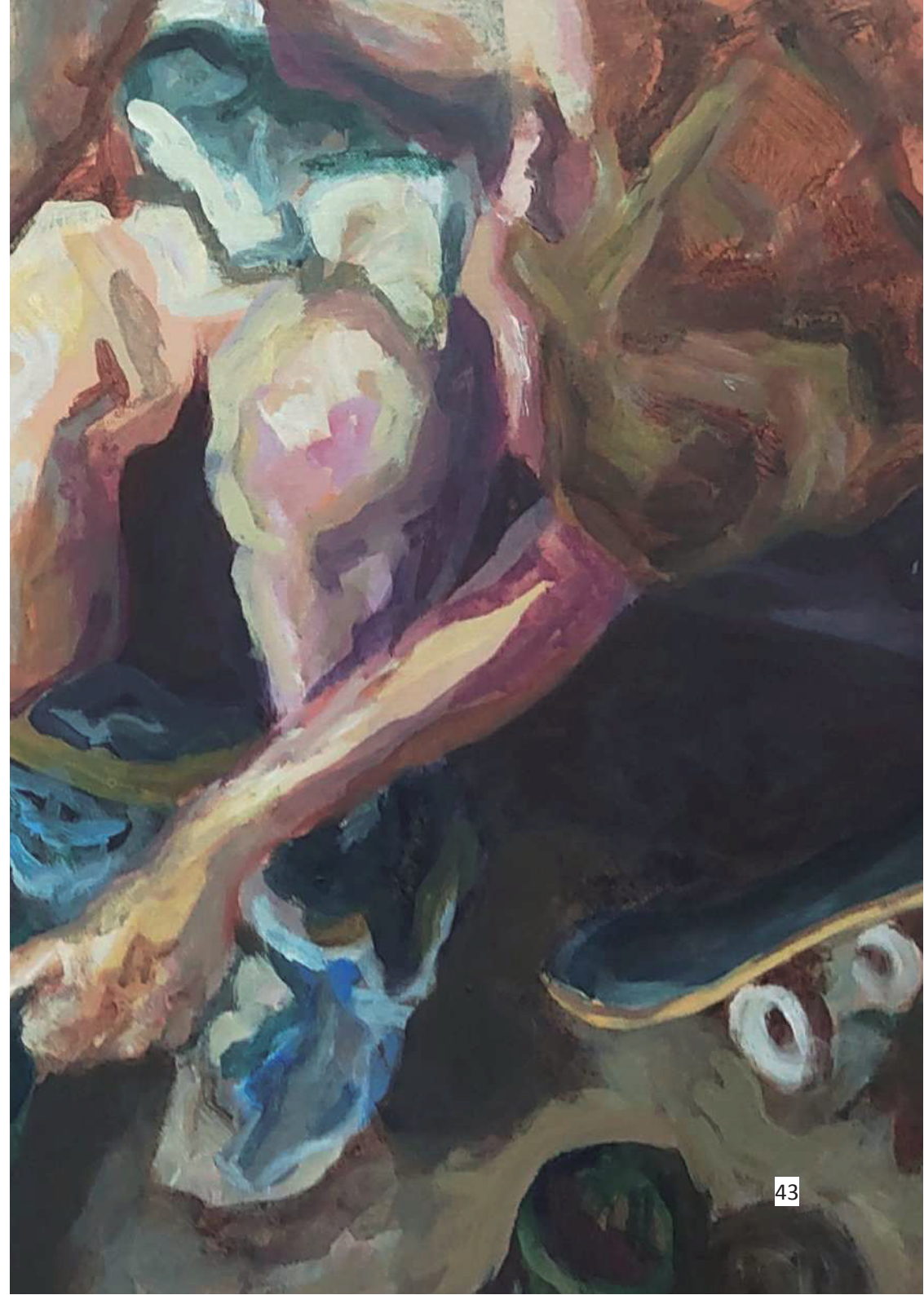


Imanto acrílica sobre tecido de algodão 90 X 60
2024





Chegar/sair, acrílica sobre tecido de algodão 57x73
2024



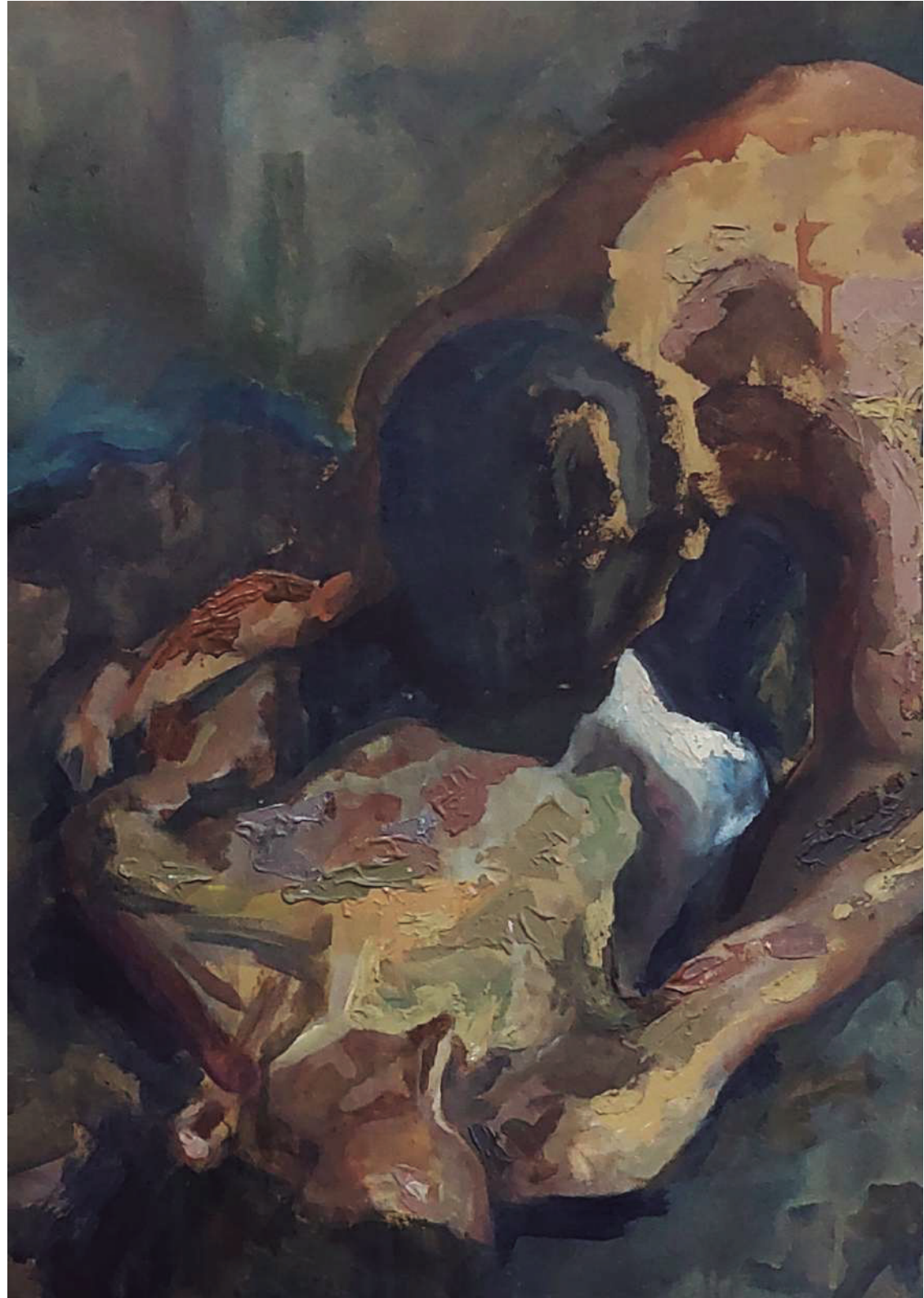


Decompostos , Acrílica sobre tecido de algodão 156 × 78
2024



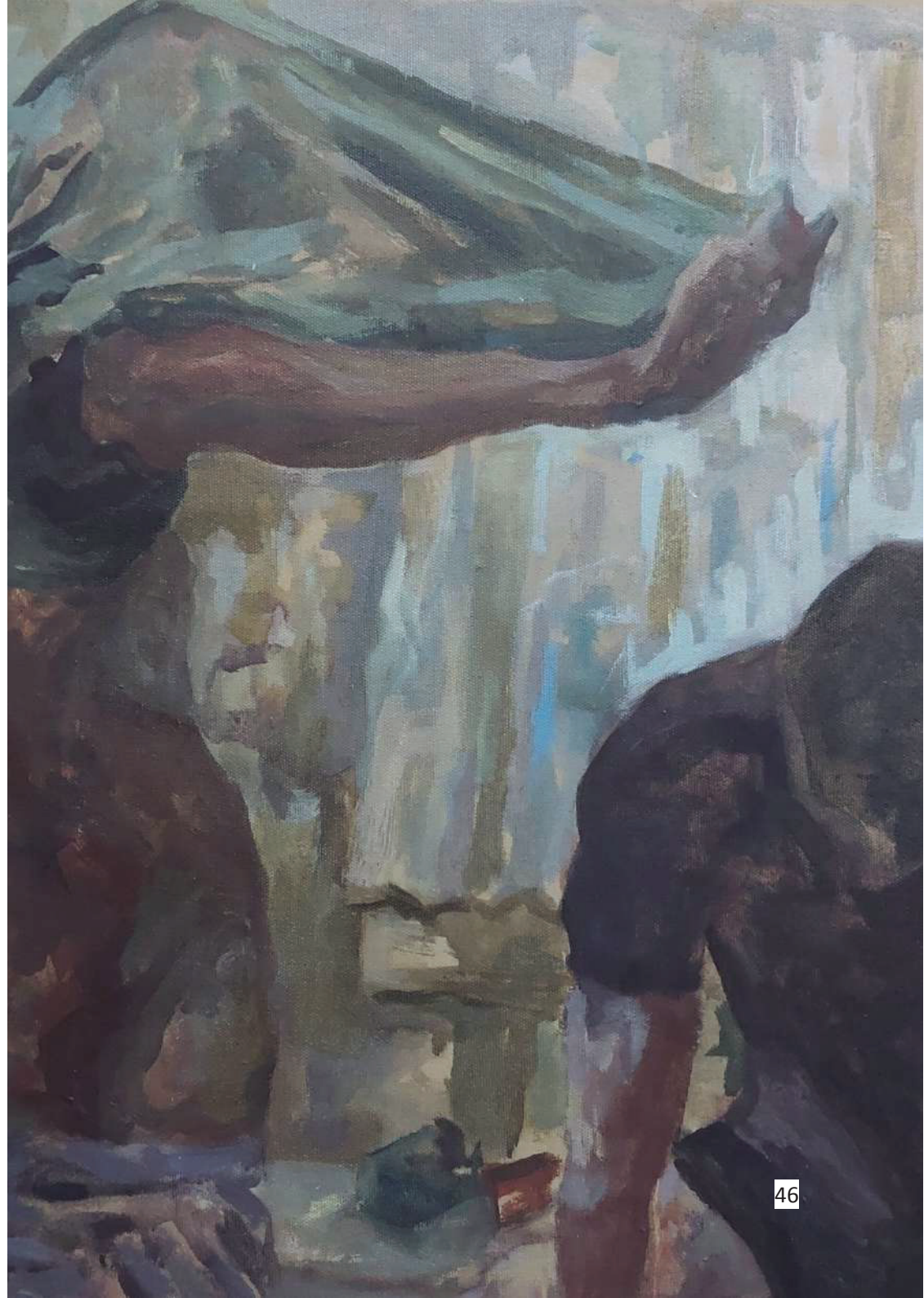


Percurso fólio, acrílica sobre tecido de algodão 80 x 72
2024



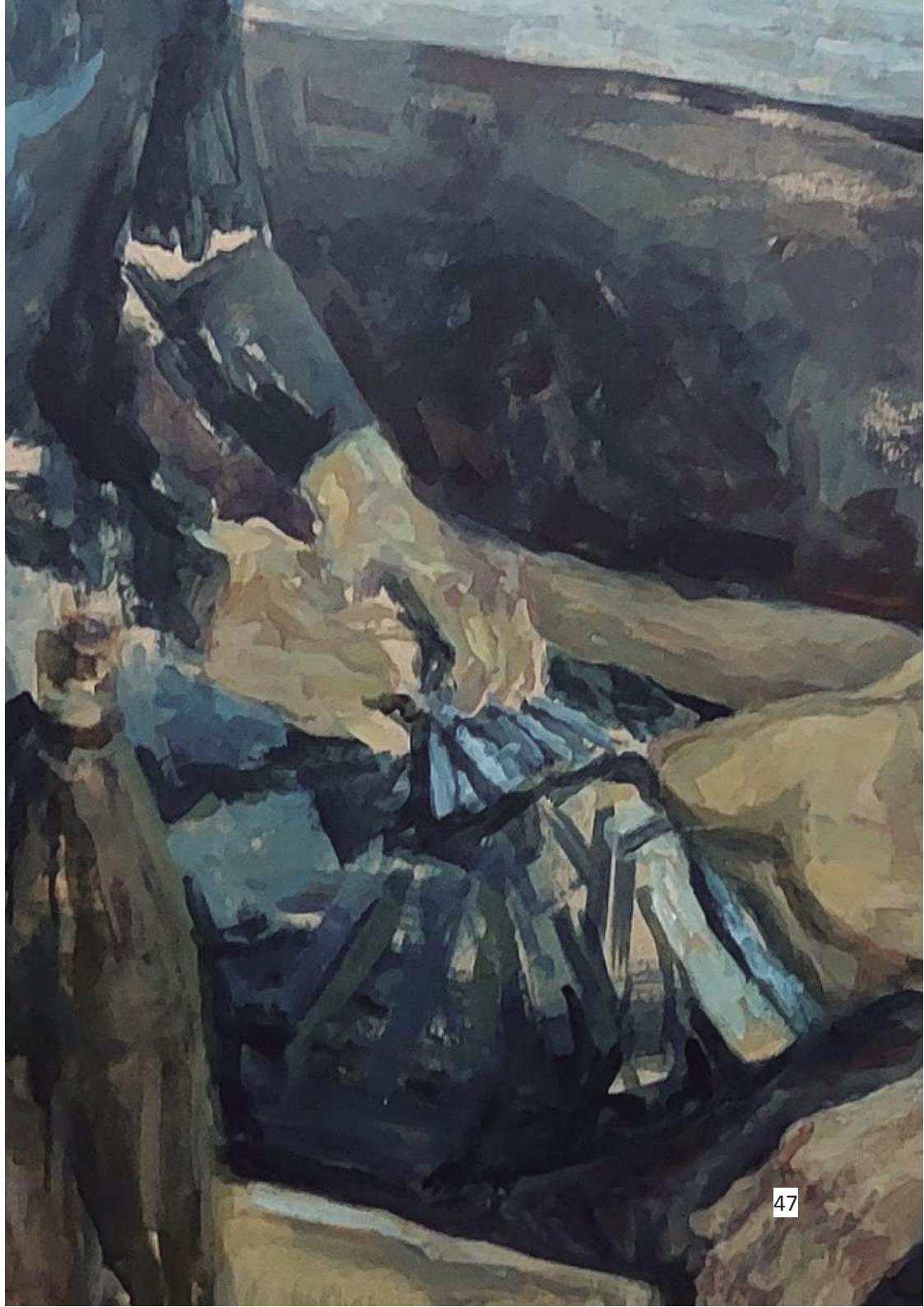


Articulação réptil , acrílica sobre tecido de algodão 52 X 46
2024



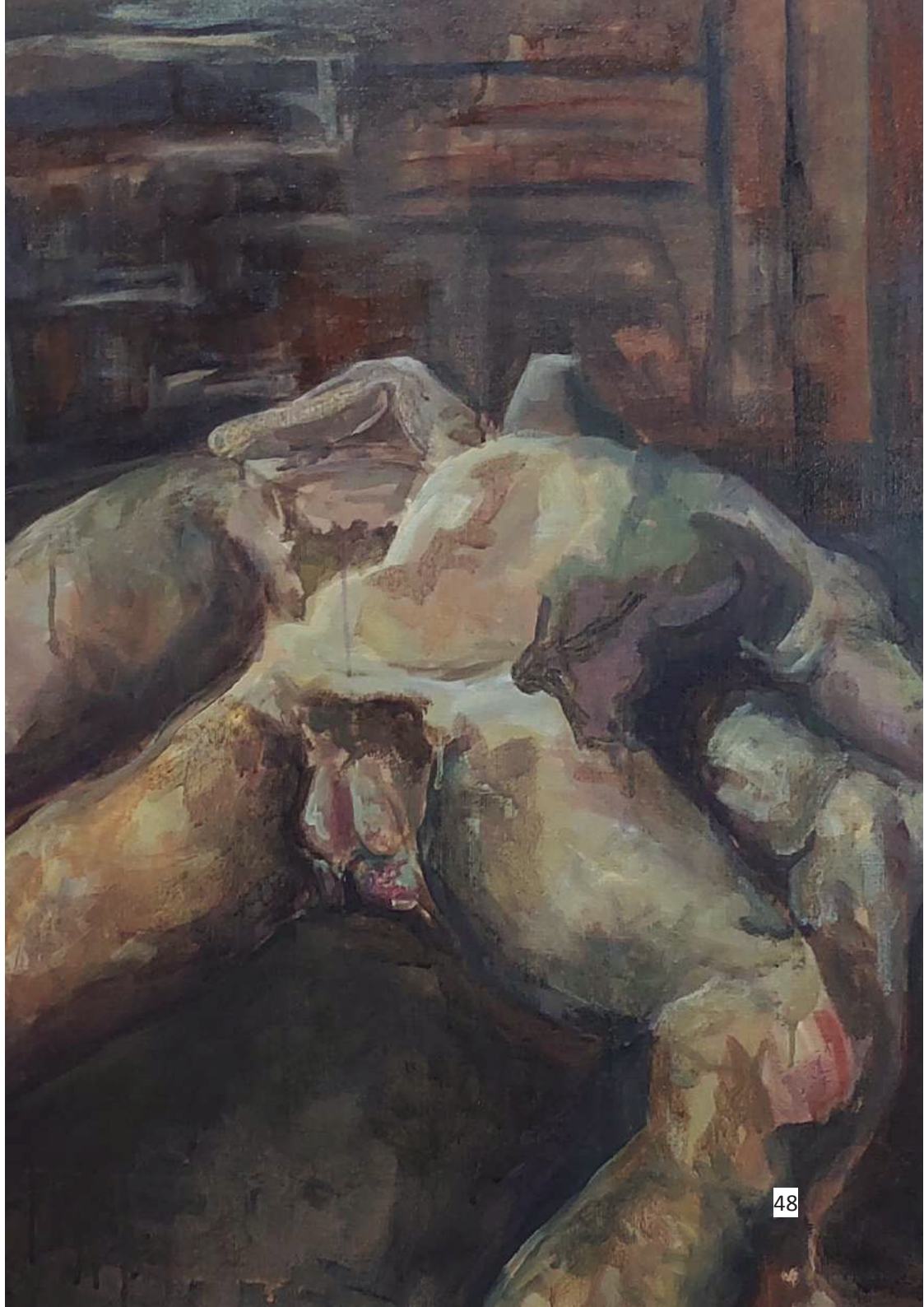


Em processo, acrílica sobre papel craft A0
2024



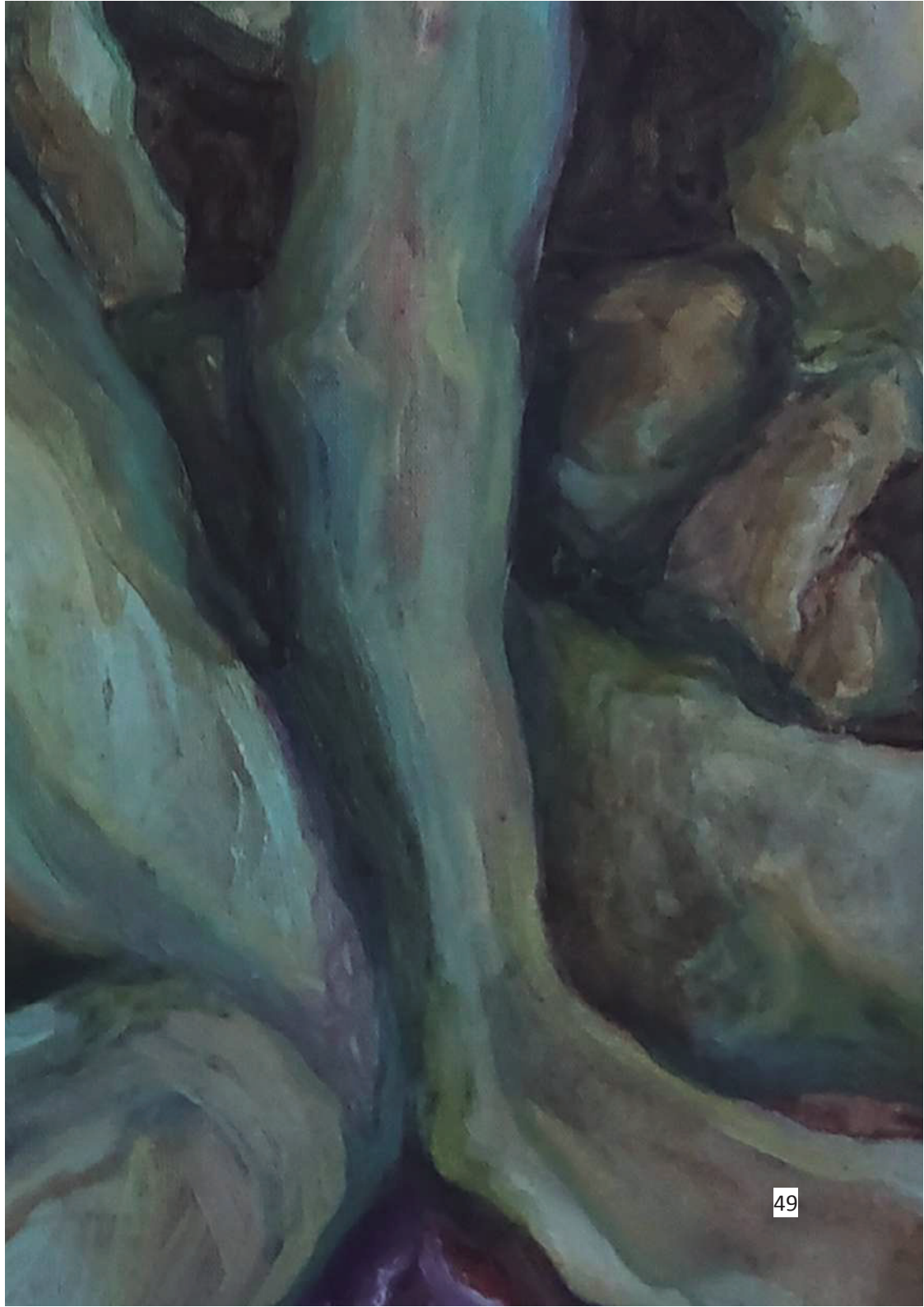


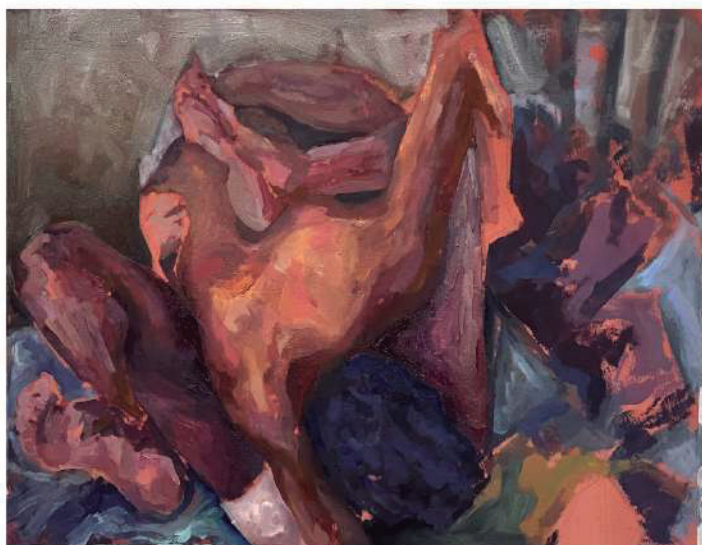
Prolongo, acrílica sobre tecido de algodão 125 X 97
2025 - 2025 em processo



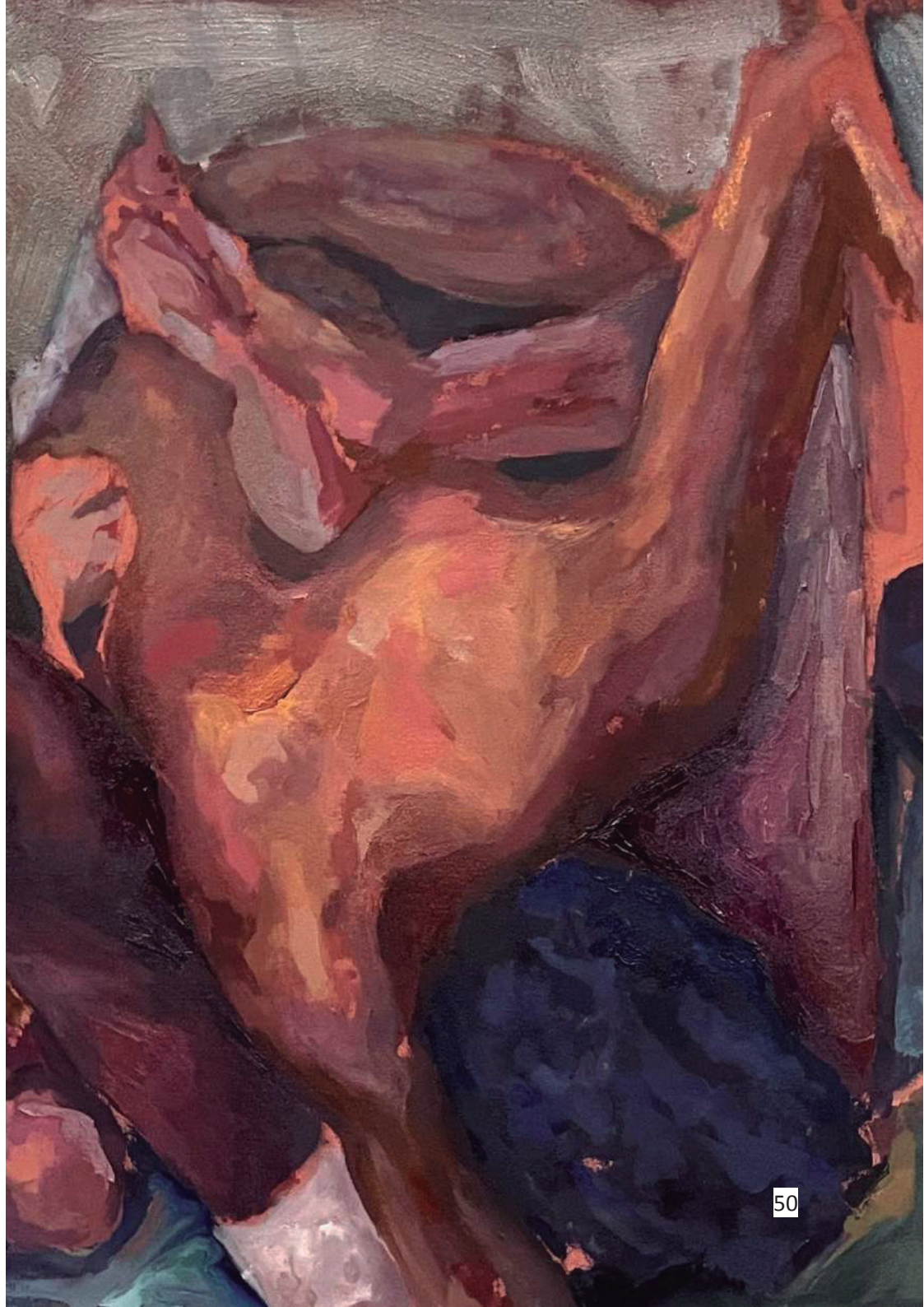


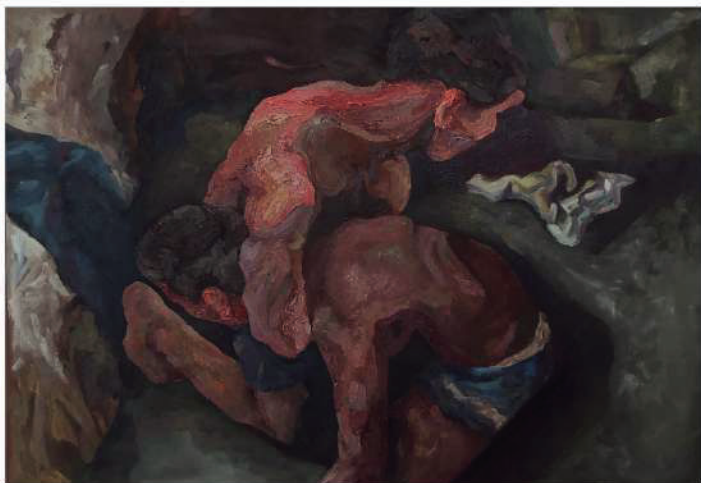
Sem título, acrílica sobre compensado de madeira 30x40
2024



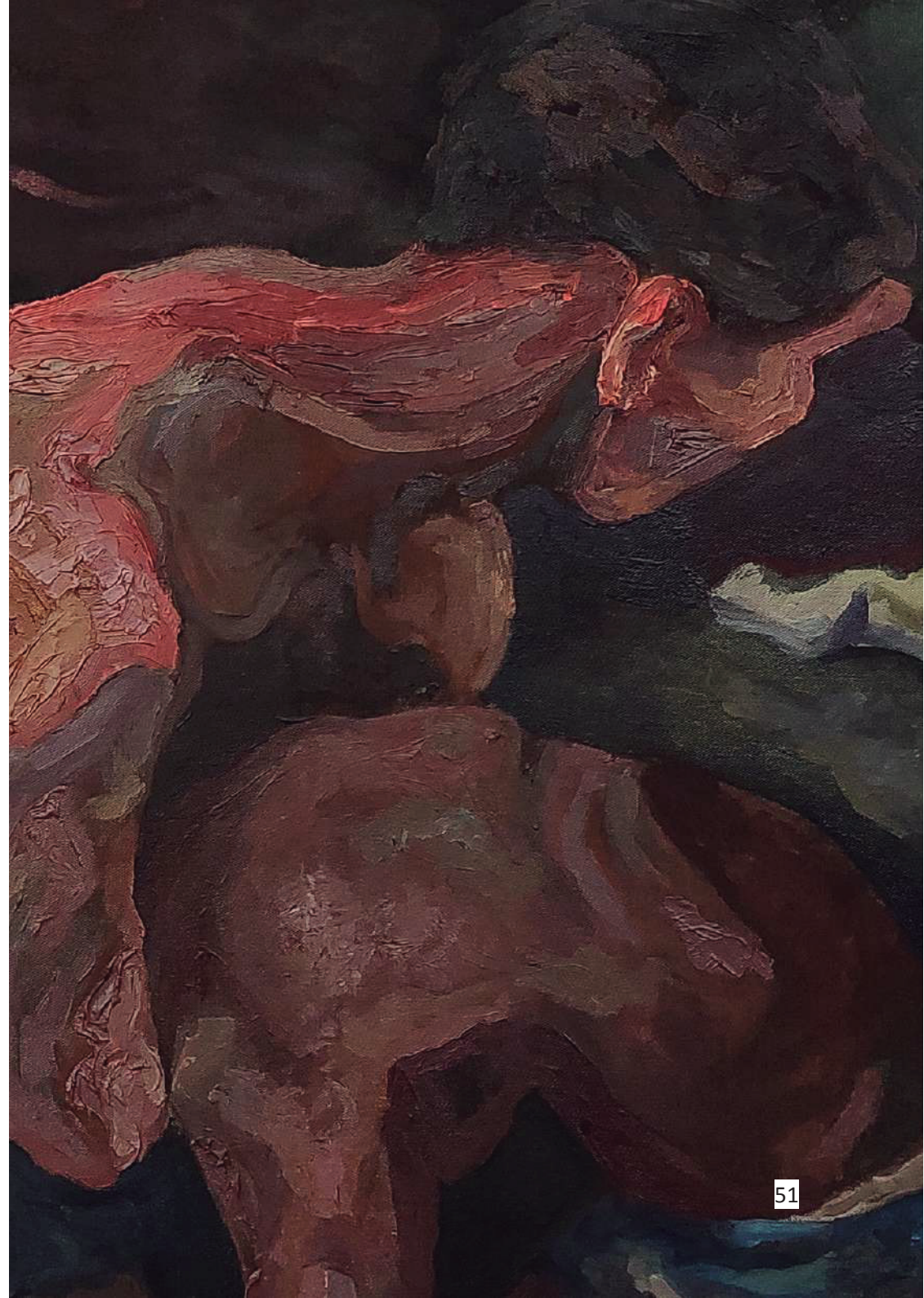


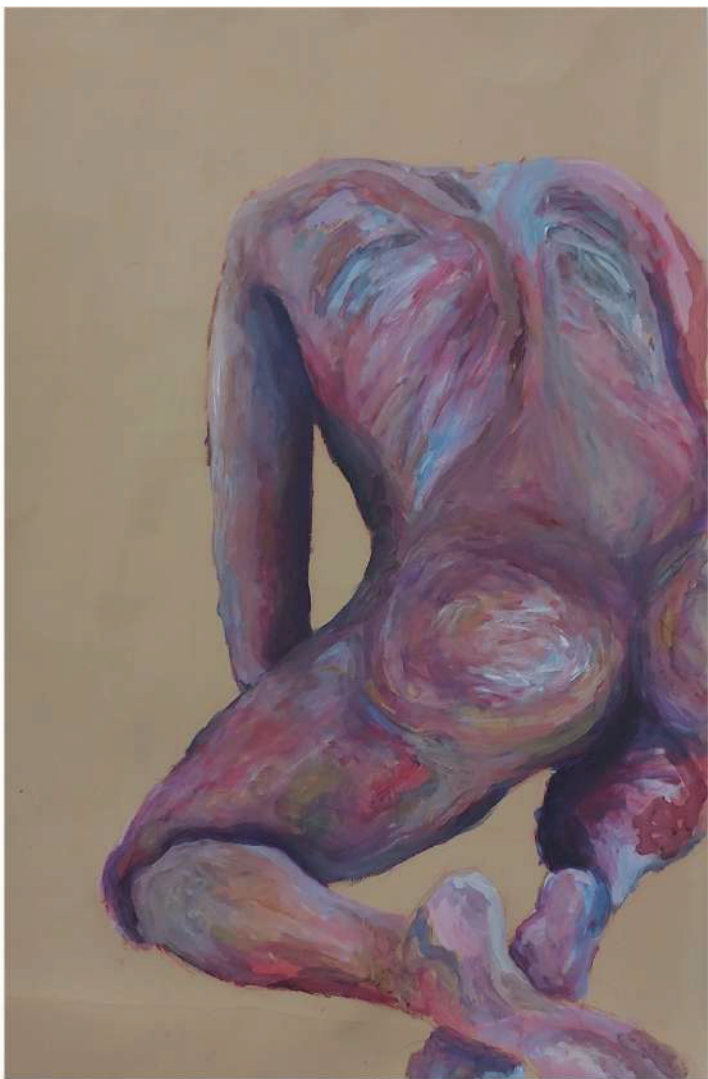
Em processo, acrílica sobre tecido de algodão 118 x 59
2025



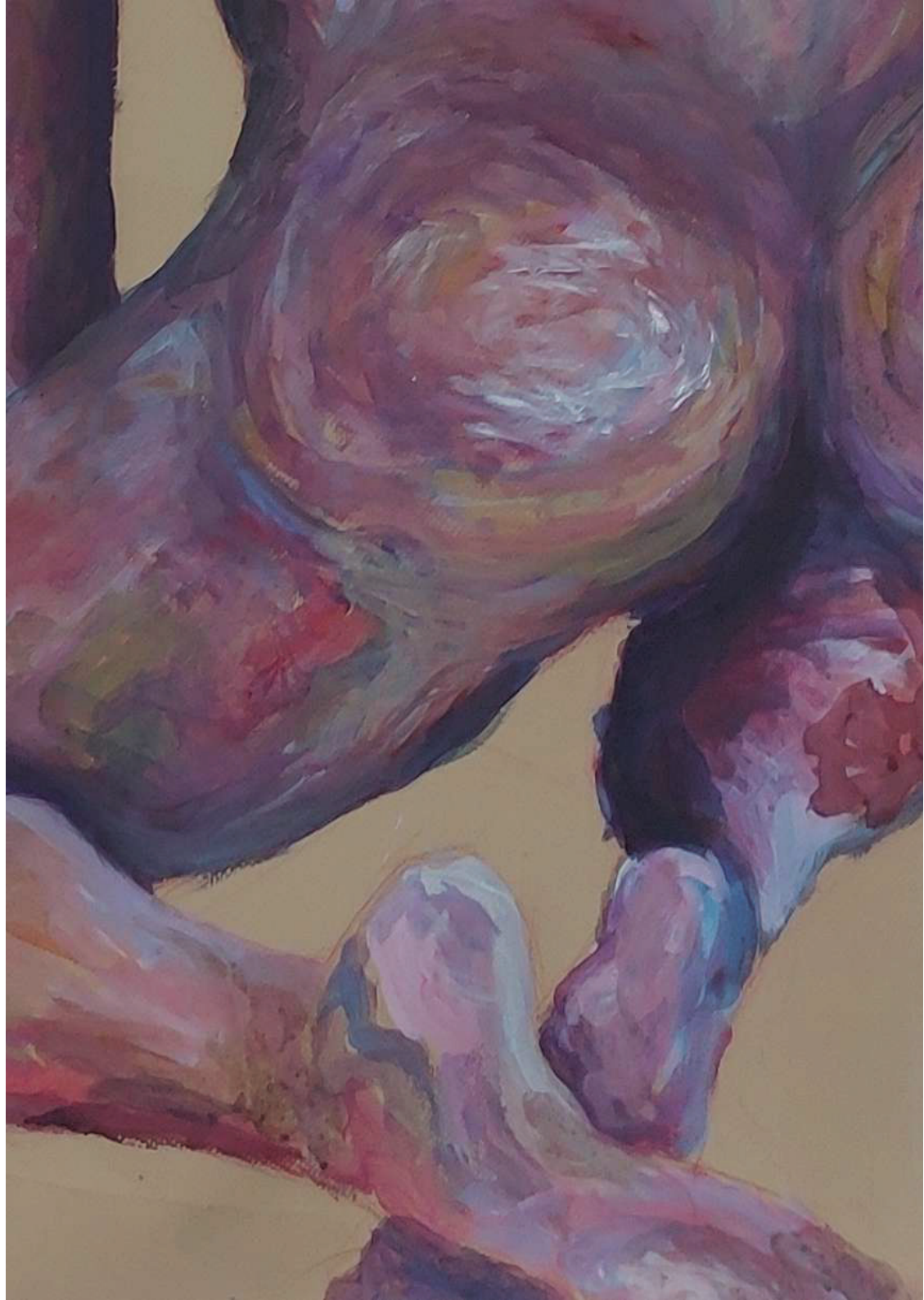


Túrgidos. Acrílico e óleo sobre tecido de algodão 120 x 64
2025



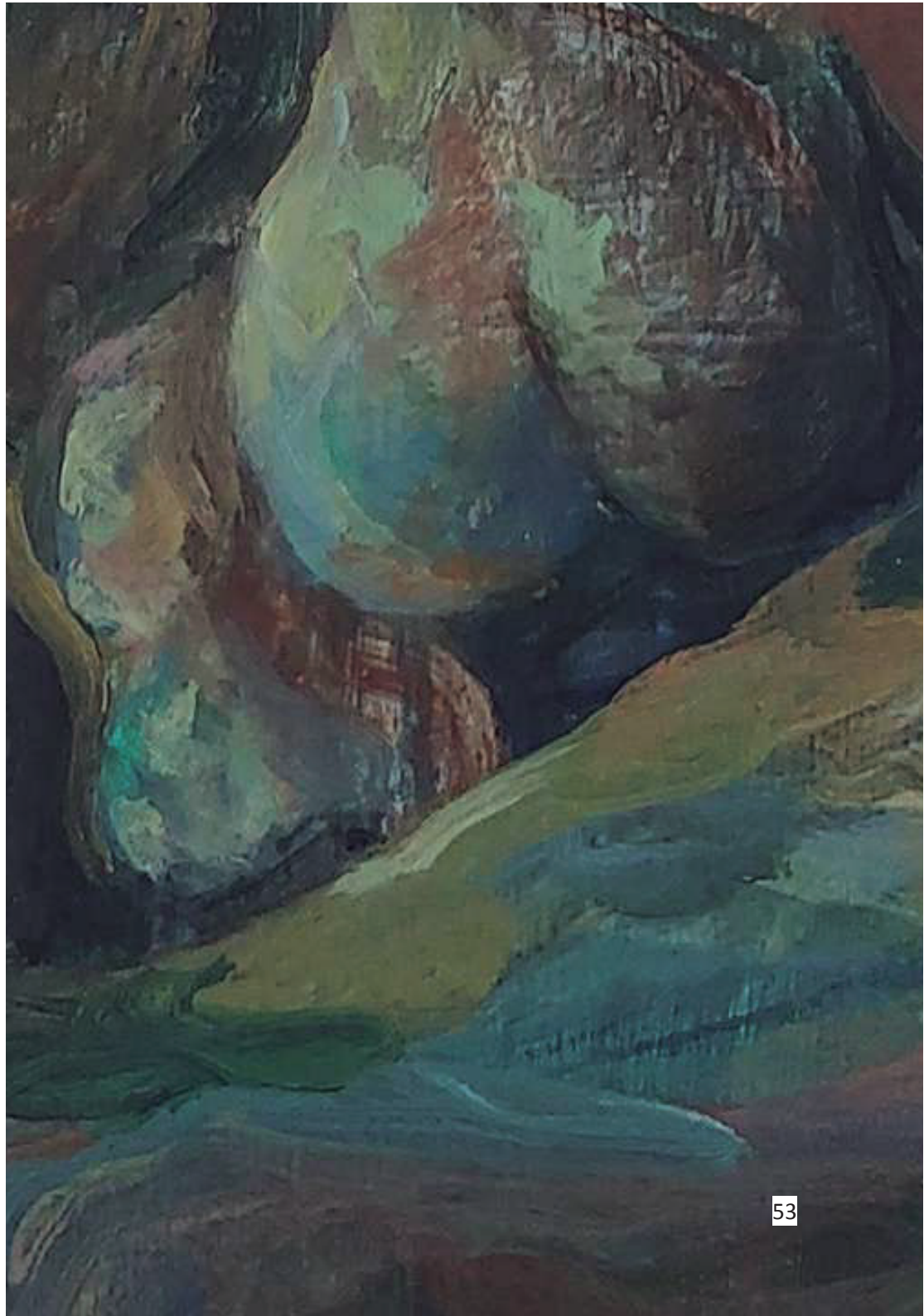


Insaciado, acrílica sobre papel 68x96
2023



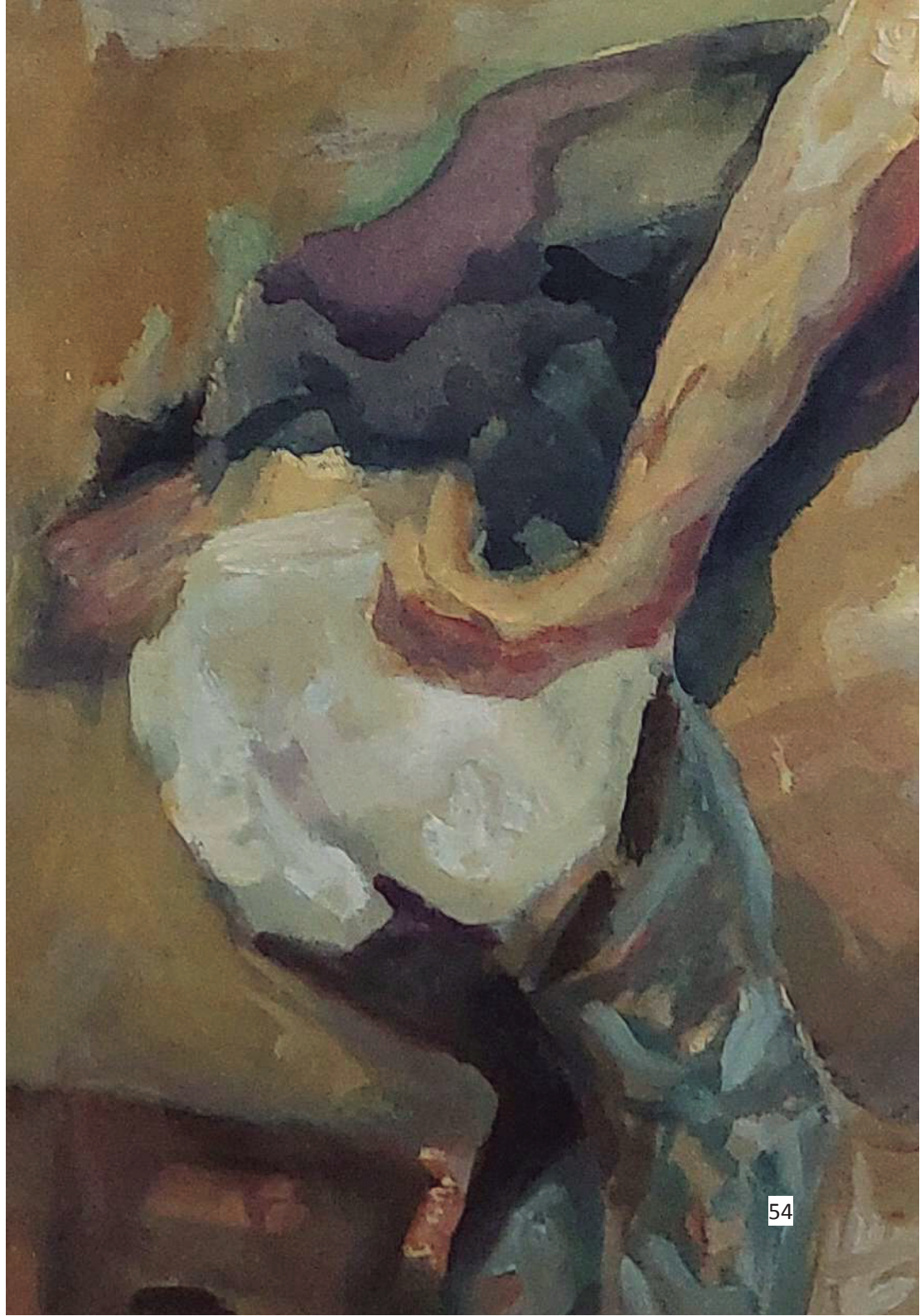


Sem título, acrílica sobre compensado de madeira 30x40
2024





Afobado, acrílica sobre tecido 75x56
2024





APONTAMENTOS FINAIS: A IMAGEM COMO LUGAR DE AFIRMAÇÃO

Nos capítulos anteriores, foi traçado o percurso da construção da identidade homoafetiva, a problematização da pornografia como arquivo visual, e o erotismo como ponte entre o desejo e a representação artística, desde a gênese de uma identidade homoafetiva em meio a discursos opressores até sua afirmação visual. Esta pesquisa reelabora a repressão e a sua ressignificação artística. A canonização das cenas pornográficas ilustra como a pintura possui a capacidade de resgatar imagens da clandestinidade imposta pela moralidade heteronormativa. Essa prática expande o cânone da representação, provando que a intimidade homoafetiva, em suas múltiplas nuances, merece seu lugar.

A pintura, para mim, vai além da função de desabafo. Ela se tornou um processo ativo de construção da identidade enquanto homem gay, ajudando-me a enfrentar a homofobia internalizada e a dismantelar preconceitos sobre o desejo homoafetivo. Diferente de outras mídias, a pintura oferece uma temporalidade única: seu processo é lento e repetitivo. Essa imersão prolongada permitiu-me habitar em cada imagem por

horas ou dias. Contemplando cada detalhe íntimo da referência onde pude confrontar e desarmar as camadas de vergonha e preconceito antes associadas a elas.

Ao contrário de uma imagem digital efêmera, a materialidade da tinta e da tela confere uma permanência tangível. Esse processo humaniza o desejo homoafetivo, contrapondo-se à patologização social e à redução meramente pornográfica, ao afirmar que o amor gay é afeto e merece ser visto.

Existe um princípio psicológico chamado "efeito da mera exposição", estudado por Robert Zajonc (1968), que sugere que, quanto mais somos expostos a algo, mais natural e aceitável aquilo se torna para nós. Zajonc mostra que a familiaridade molda nossas preferências mesmo sem que haja consciência disso. Isso significa que a repetição de imagens homoeróticas na pintura pode atuar de maneira subconsciente na validação dessas experiências, permitindo que sejam vistas como parte essencial da diversidade e não como algo periférico ou tabu.

Minhas próximas séries de pinturas aprofundarão na representação explícita do sexo. Se inicialmente abordei a sexualidade com sutileza, sugerindo a nudez e deixando a interpretação em aberto para amadurecer a percepção sobre o erotismo sem cair no 'vulgar', agora sinto a necessidade de ir além. Despir e trazer à tona o sexo em suas manifestações mais cruas. Essa mudança de foco, aprofundando nas dinâmicas sexuais, visa desmistificar o desejo homoafetivo, tornando-o plenamente

aceitável e natural. Richard Miskolci (2012) destaca o desafio de "lidar com a sexualidade como algo cultural [...] e inserir ruído, inserir dúvida sobre coisas que antes ainda eram vistas como naturais ou indiscutíveis" (p. 57).

Meu trabalho já estabeleceu a legitimidade do afeto homoafetivo pela sugestão. A explicitação, agora, emerge como o passo fundamental para a naturalização completa, pois confronta o último tabu: o sexo gay em si. Embora a sociedade ainda reaja à homossexualidade explícita com desconforto, enquanto o afeto sutil pode ser tolerado, a explicitação exige um nível mais profundo de aceitação, afirmando o direito de representar o sexo gay com a mesma legitimidade que a heterossexualidade no cinema, na literatura e nas artes visuais.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

SANTOS SILVA, Alexandre. **Rompendo em fé: As representações evangélicas nas narrativas de artistas contemporâneos brasileiros**. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ¹ 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, ¹ Natal, v. 1, n. 1, p. 38-60, jul./dez. 2007. Disponível em: [Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas | Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades](#)

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: A normatividade em ação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: [Pedagogia do armário - A normatividade em ação | Retratos da Escola](#)

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DALL'AGO, Rodrigo Cabrini; ROCHA, Tacia. QUE TESÃO! A MASCULINIDADE NA PORNOGRAFIA GAY. **Anagrama: Revista Interdisciplinar da Pós-Graduação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2019. Disponível em: [Que tesão! a masculinidade na pornografia gay | Anagrama](#)

KAC, Eduardo. O Movimento de Arte Pornô: a aventura de uma vanguarda nos anos 80. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 30-51, jan./jun. 2014. Disponível em: [O Movimento de Arte Pornô: a Aventura de uma Vanguarda nos Anos 80 | ARS \(São Paulo\)](#) Acesso em: 7 jun. 2025.

ERIBON, Didier. **Reflexiones sobre la cuestión gay**. Traducción de Jaime Zulaika. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001..

ZAJONC, Robert B. **Attitudinal effects of mere exposure**. Journal of Personality and Social Psychology, Monograph Supplement, v. 9, n. 2, p. 1-27, jun. 1968. disponível em: [9_J_Personality_Social_Psychology_1_\(Zajonc\).pdf](#)



Apêndice A: Referências Artísticas

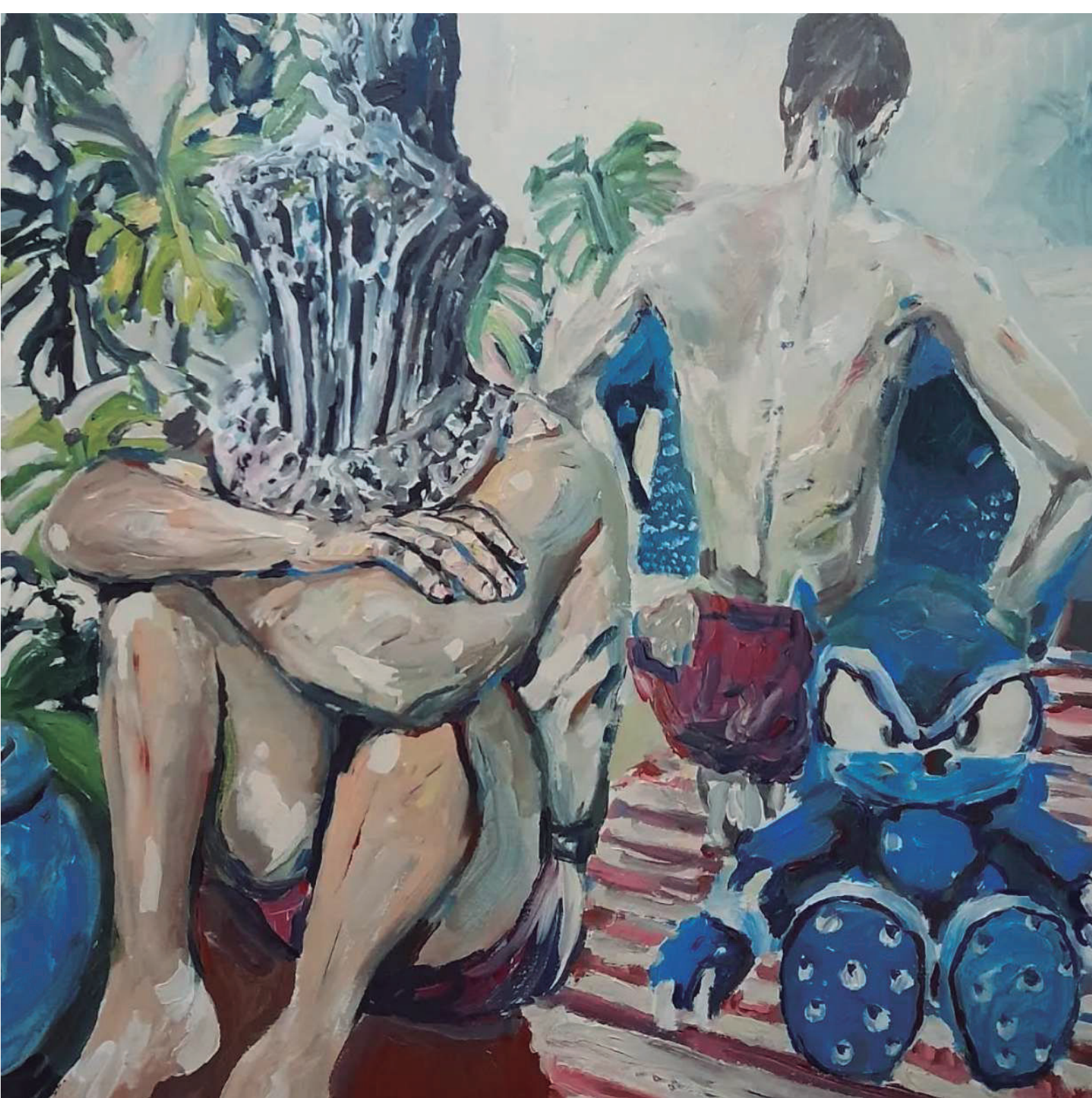
Martin-Jan Van Santen

Turn
oil on canvas



Egon Schiele

*Two Girls (Lovers Couple) 1914
Gouache on paper, 31 x 48 cm
Private collection*



Diogo Santos Silva

Nos alicerces: o pacto
Acrílico sobre tela
60 cm x 60cm

Paul Mpagi Sepuya



Figure (_2010037)
2017, Archival Pigment Print, 24 x 32 inches



Florian Hetz

ARCHIVE (NSFW) 2016-2024 Florian⁶⁴Hetz

Andy Warhol



*Andy Warhol, Sex Part,
Polaroid Photograph, 1977* ⁶⁵



Lucian Freud

"Leigh on a Green Sofa" 1994 Oil on Canvas 20.3cm x 17.2cm

Imagens disponíveis em:

HETZ, Florian. *Archive*. Disponível em: <https://www.florianhetz.com/archive>. Acesso em: 12 ago. 2025.

WARHOL, Andy. *Sex Parts and Torsos*. Disponível em: <https://www.1stdibs.com/buy/warhol-sex-parts-and-torsos/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SCHIELE, Egon. *Egon Schiele*. Disponível em: <https://dn790003.ca.archive.org/0/items/egonschiele/Egon%20Schiele.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FREUD, Lucian. *Paintings 1993 to 1995*. Disponível em: <http://lucianfreud.com/lucian-freud-archive---paintings-1993-to-1995.html>. Acesso em: 12 ago. 2025.

VAN SATEN, Martin-Jan. *Obras*. Disponível em: <https://mj6136.wixsite.com/mijnsite-2>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SILVA, Diogo Santos. *Diogo dos Santos Silva - Instagram*. Disponível em: https://www.instagram.com/diogodossantossilva_rj/. Acesso em: 12 ago. 2025.

APÊNDICE B: CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Exposição coletiva dos formandos do curso de pintura 2025.1

Esta exposição coletiva apresenta os trabalhos de 23 artistas em formação no curso de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ. Cada obra nasce de um percurso singular, atravessado por inquietações, descobertas e experimentações. Ao receber palavras-chave dos participantes, referentes aos seus trabalhos, esbocei um pequeno texto para guiar a nossa organização - e é a partir delas que começo esta reflexão.

As palavras-chave que recebi dos artistas, por mais diversas que sejam, acabam convergindo naturalmente em três grandes eixos: corpo, memória e identidade. O corpo aparece tanto como presença física quanto como espaço simbólico - um território onde se desenrolam experiências de afeto, gênero, desejo, prazer, ausência e transformação. Palavras como “corpo”, “corpo feminino”, “intimidade”, “prazer”, “queer” e “transmutação” mostram como ele é atravessado por questões políticas, sensoriais e expressivas.

A memória surge a partir de relações com o tempo, com a ancestralidade e com a infância. Termos como “lembrança”, “memórias”, “sertão”, “infância”, “caatinga”, “ancestralidade” e “desertificação” mostram como os artistas estão lidando com o passado - seja ele individual ou coletivo - como material poético e sensível. A identidade, por sua vez, nasce justamente desse entrelaçamento entre corpo e memória, trazendo à tona temas como pertencimento, representação, cultura e subjetividade. Palavras como “autoimagem”, “identidade”, “representação”, “negritude”, “feminino” e “contracolonização” revelam esse desejo de reescrever narrativas pessoais e coletivas.

Dentro dessas categorias, afeto e espírito aparecem como forças que atravessam tanto a memória quanto a identidade. O afeto é o que transforma a memória em algo vivo, atual, presente - ele liga lembranças ao corpo, ao outro, ao espaço, criando vínculos emocionais profundos com aquilo que se viveu ou se imaginou viver. Já o espírito entra como uma dimensão mais sutil e simbólica da identidade - algo que não se vê, mas se sente. Ele se conecta com o sagrado, com a intuição, com o invisível que também nos compõe. É o que dá densidade subjetiva às experiências e às narrativas que escolhemos contar.

E tem algo que acho fundamental trazer aqui: a memória também é parte do nosso imaginário individual. Bachelard fala que, antes mesmo de aprendermos o que é memória ou lembrança, a gente aprende a imaginar. Isso muda tudo. Porque se é assim, então lembrar também é criar - e a memória passa a ser atravessada pela imaginação, pela invenção, pela poesia. Lembrar, neste sentido, não é recuperar um dado objetivo do passado, mas sim um gesto criativo, cheio de afeto, de subjetividade, de imagem. E isso aproxima ainda mais a memória da arte.

Então, quando olho para esse conjunto de palavras, vejo como corpo, memória e identidade se entrelaçam o tempo todo. E vejo também como afeto, espírito e imaginação sustentam essas categorias de forma profunda, revelando narrativas íntimas, poéticas, políticas - que falam tanto de quem somos quanto de quem inventamos ser.

Informações adicionais da exposição:

Curadoria: Kleber Cavalcante, Mari Ana, Rafavritto e Vanessa Marques

Design e texto: Vanessa Marques

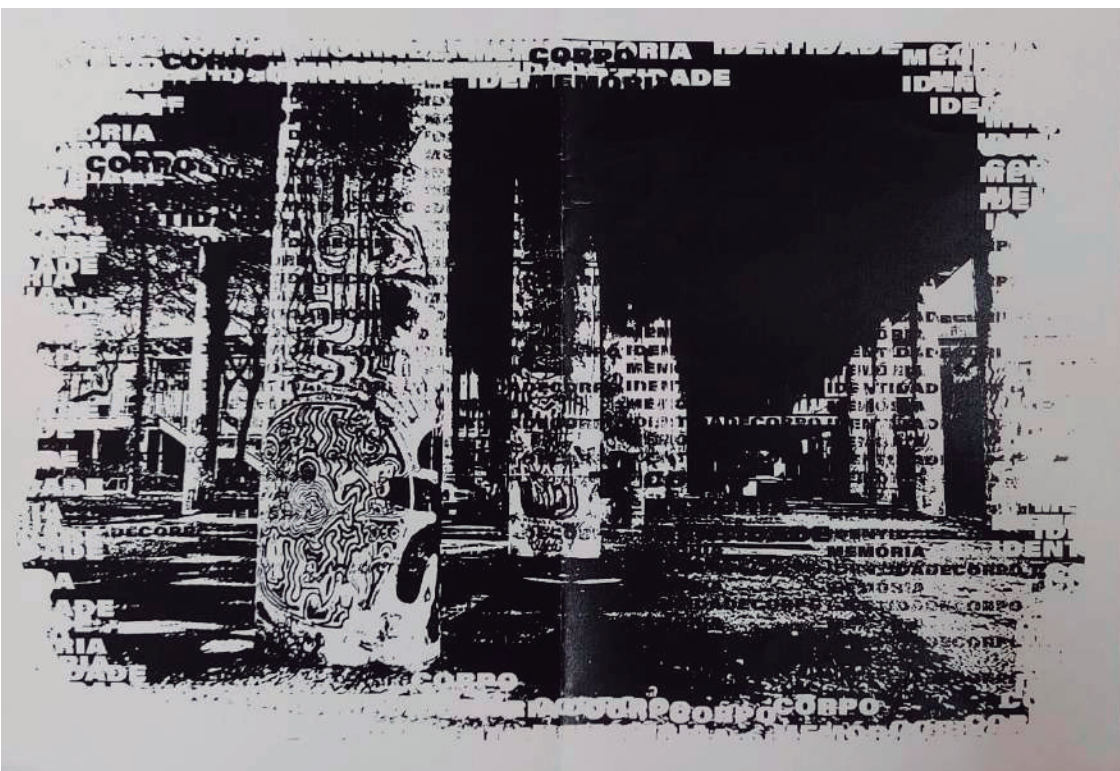
Montagem coletiva

Organização: Mari Ana, Rafavritto e Vanessa Marques

Consultoria de *design*: Raísa Vitória

Os artistas que participam da exposição "Corpo, Memória e Identidade" são: Ayana Miro, BelaBort, CleaS, Dandara Odara, Danilo Reymão, Gabi Berner, Gabriel Fernandes, Hadarana Amancio, Helena Sanches, J.Rubem, Jean Prado, Jéssica de Araujo, Juliany Miranda, Kleber Cavalcante, Lice Parreiras, Mari Ana, MarVz./ANTI, Rafavbritto, Regi Araújo, Salette Leite, Soso Reis, Taís Espelha e Vanessa Marques

Abertura: 24 de junho 2025 e encerramento: 27 de junho de 2025



CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

exposição coletiva dos formandos do curso de pintura 2025.1

Esta exposição coletiva apresenta os trabalhos de 23 artistas em formação no curso de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ. Cada obra nasce de um percurso singular, atravessado por inquietações, descobertas e experimentações. Ao receber palavras-chave dos participantes, referentes aos seus trabalhos, esbocei um pequeno texto para guiar a nossa organização — e é a partir delas que começo esta reflexão.

As palavras-chave que recebi dos artistas, por mais diversas que sejam, acabam convergindo naturalmente em três grandes eixos: corpo, memória e identidade. O corpo aparece tanto como presença física quanto como espaço simbólico — um território onde se desenrolam experiências de afeto, gênero, desejo, prazer, ausência e transformação. Palavras como "corpo", "corpo feminino", "intimidade", "prazer", "querer" e "transmutação" mostram como ele é atravessado por questões políticas, sensoriais e expressivas.

A memória surge a partir de relações com o tempo, com a ancestralidade e com a infância. Termos como "lembança", "memórias", "sentão", "infância", "castings", "ancestralidade" e "desertificação" mostram como os artistas estão lidando com o passado — seja ele individual ou coletivo — como material poético e sensível. A identidade, por sua vez, nasce justamente desse entrelaçamento entre corpo e memória, trazendo à tona temas como pertencimento, representação, cultura e subjetividade. Palavras como "autoimagem", "identidade", "representação", "negritude", "feminino" e "contracolonização" revelam esse desejo de reescrever narrativas pessoais e coletivas.

Dentro dessas categorias, afeto e espírito aparecem como forças que atravessam tanto a memória quanto a identidade. O afeto é o que transforma a memória em algo vivo, atual, presente — ele liga lembranças ao corpo, ao outro, ao espaço, criando vínculos emocionais profundos com aquilo que se viveu ou se imaginou viver. Já o espírito entra como uma dimensão mais sutil e simbólica da identidade — algo que não se vê, mas se sente. Ele se conecta com o sagrado, com a intuição, com o invisível que também nos compõe. É o que dá densidade subjetiva às experiências e às narrativas que escolhemos contar.

E tem algo que acho fundamental trazer aqui: a memória também é parte do nosso imaginário individual. Bachelard fala que, antes mesmo de aprendermos o que é memória ou lembrança, a gente aprende a imaginar. Isso muda tudo. Porque se é assim, então lembrar também é criar — e a memória passa a ser atravessada pela imaginação, pela invenção, pela poesia. Lembrar, nesse sentido, não é recuperar um dado objetivo do passado, mas sim um gesto criativo, cheio de afeto, de subjetividade, de imagem. E isso aproxima ainda mais a memória da arte.

Então, quando olho para esse conjunto de palavras, vejo como corpo, memória e identidade se entrelaçam o tempo todo. E vejo também como afeto, espírito e imaginação sustentam essas categorias de forma profunda, revelando narrativas íntimas, poéticas, políticas — que falam tanto de quem somos quanto de quem inventamos ser.

Curadora: Kleber Cavalcante, Mari Ana, Rafabritto e Vanessa Marques
Design e texto: Vanessa Marques
Montagem coletiva
Organização: Mari Ana, Rafabritto e Vanessa Marques
Consultoria de design: Raissa Vitória

Ayana Miro | Belebort | CleaS | Dandara Odera
Danilo Reymão | Gabi Berner | Gabriel Fernandes
Hadarana Amancio | Helena Sanches | J Rubem
Jean Preto | Jéssica de Araujo | Juleny Miranda
Kleber Cavalcante | Lico Parreiras | Mari Ana
MarVz / ANTI | Rafabritto | Regi Araújo
Salette Leite | Soso Reis | Tais Espelha
Vanessa Marques

abertura

24 de junho 2025

encerramento

27 de junho de 2025

Visitação de terça à sexta, de 9h às 18h
Hall dos elevadores, prédio JMM, EBA
Av. Pedro Calmon 550, Cidade Universitária, RJ

Programação: 24/06 às 11h50
conversa com artistas e professores
Martha Werneck, Lúcia Bossolan e Julio Sekiguchi

eba ESCOLA DE
BELAS ARTES
Universidade Federal do Rio de Janeiro
PINTURA

Fonte: Documentação coletiva da exposição.

Folder da exposição realizado por Vanessa Marques e Raíssa Vitória.

Registros fotográficos: Soso Reis

Registros fotográficos da exposição





CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

exposição coletiva dos formandos do curso de pintura 2025.1

Ayana Miro | Belabort | CleaS | Dandara Odara
Danilo Reymão | Gabi Berner | Gabriel Fernandes
Hadarana Amancio | Helena Sanches | J.Rubem
Jean Prado | Jéssica de Araujo | Juliany Miranda
Kleber Cavalcante | Lice Parreiras | Mari Ana
MarVz / ANTi | Rafavbritto | Regi Araújo
Salette Leite | Soso Reis | Tais Espelha
Vanessa Marques

abertura
24 de junho 2025
encerramento
27 de junho de 2025

Programação: 24/06 às 11h50 conversa com artistas
e professores Martha Werneck, Licius Bossolan e Julio Sekiguchi

Visitação de terça à sexta, de 9h às 18h
Hall dos elevadores, prédio JMM, Escola de Belas Artes
Av. Pedro Calmon 550, Cidade Universitária, Rio de Janeiro

Esta exposição coletiva reúne trabalhos de 23 concluintes do curso de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ, cujas pesquisas convergem em três eixos centrais: corpo, memória e identidade. O corpo aparece como presença física e simbólica, atravessado por questões de gênero, desejo e transformação. A memória surge nas relações com o tempo, a ancestralidade e a infância, atravessada por afeto e imaginação. A identidade, por sua vez, emerge do cruzamento entre corpo e memória, revelando narrativas sensíveis e políticas sobre pertencimento, representação e subjetividade.



Gabriel Fernandes